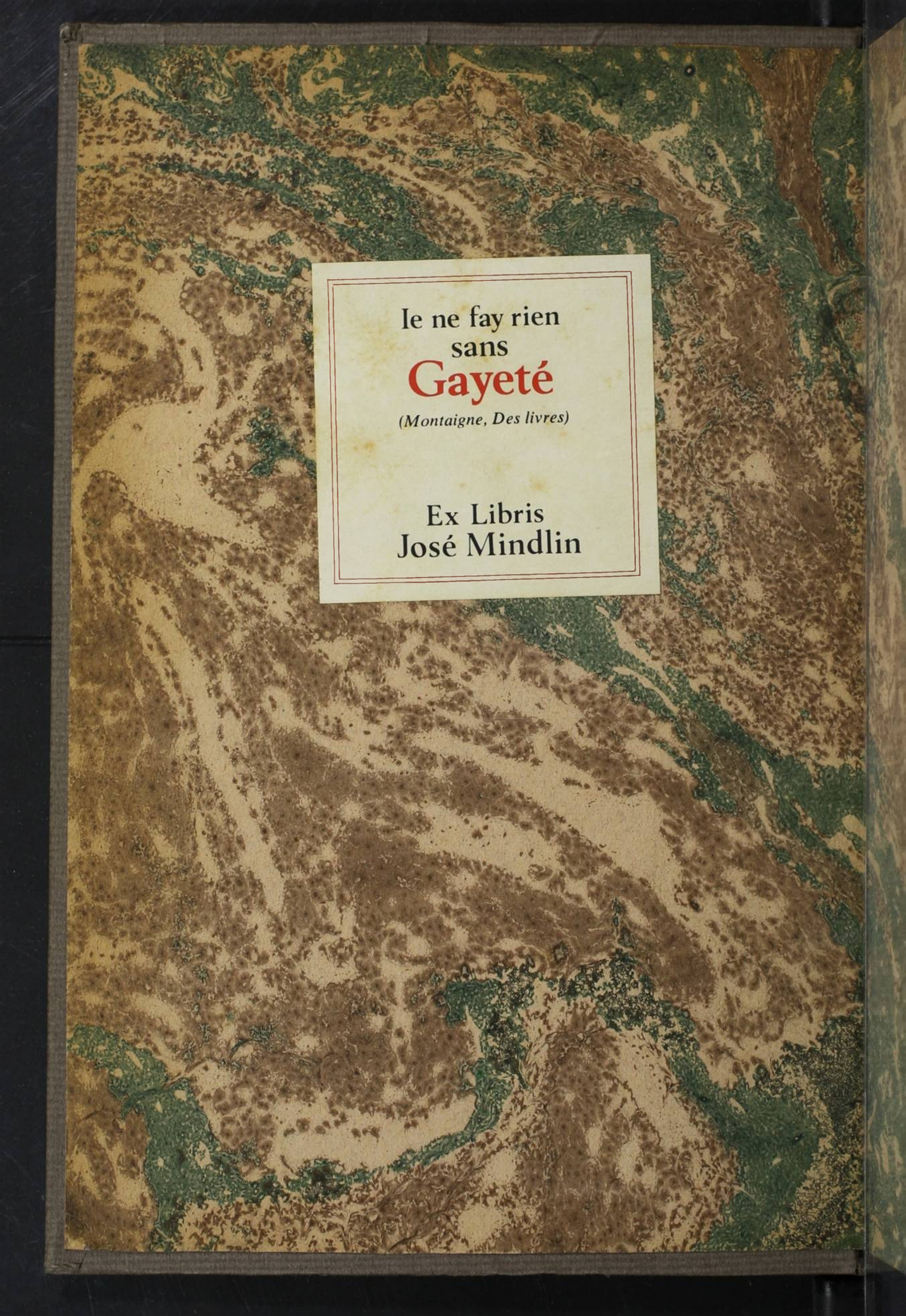

Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

Ao Illmo Sr Dr Americo Brasiliense de Almeida Mello.

offerece

o autor.

A ESCRAVATURA NO BRAZIL.

A ESCRAVATURA

NO

BRAZIL

PRECEDIDA

d'um artigo sobre agricultura e colonisaçaõ
no Maranhaõ

POR

F. A. BRANDAÕ Jor

Doutorando em sciencias naturaes na Universidade de Bruxellas.

BRUXELLES

TYP. H. THIRY-VAN BUGGENHOUDT

—

1865

Ao Dr Luiz Pereira Barretto

OFFERECE

O AUCTOR.

DEDICATORIA

BARRETTO :

A senda que me aconselhaste de seguir, eu ainda naõ a abandonei; e este folheto t'o próvará.

Este primeiro fruto do meo trabalho, é filho do desejo de ser ütil ao meo paiz; e se vires que elle val alguma couza, guarda-o, pertence-te; porque eu naõ

fiz senaõ expor aquillo que me ensinaste.

Porem, no caso contrario, restar-me-ha sempre o desejo de querer ser ütil á sociedade.

Eu conto com o indiferentismo de uns, com o rancor de outros, e, talvez, com as sympathias d'alguns.

Mas o que me importam os primeiros? — Nem todos os homens saõ necessarios á sociédade, embora todos sejam filhos da humanidade (como disse o nosso mestre Augusto Conte); uns saõ verdadeiros parazitas, e concorrem para o atraso dos seos semelhantes, — e destes é que falla ó poéta :

Venuto al mondo sol per fa letame.

Aos primeiros, como é um defeito de organisaçaõ mental, elles nada pódem fazer e tambem nada se lhés póde fazer, e por conseguinte — palavras loucas, orelhas moucas! *e aos ultimos direi entaõ como Bocage :* — O premio da Virtude é a Virtude; — *e estaraõ pagos!*

Tambem naõ sei se passarei impunemente pelo meio do exame dos nossos litteratos!... parece-me ouvir já o seguinte juizo sobre esta brochura, feito pelo cardume desses conjugadores de verbos, encadernados em ditos e pilherias sensaboronas de criticos e litteratos (salvo as honradissimas excepçoẽs):

Esta brochura está escripta em portuguez mui trivial; — diz um d'entre elles.

Tem muitos erros de lingoagem, e as virgulas estam mal colocadas; — acrescenta um segundo.

Gravemente começa um terceiro, que é considerado d'entre todos o mais sabio e grande jogador da, ou, com a lingoa de Camoẽs: — O auctor introduzio alguns termos naõ usados na lingua; as phrases naõ tem elegancia, e entre ellas descobre-se redundancias, encherga-se pleonasmos e ouve-se gallicismos;...

Asseada escriptura e ideia nobre,
De legitimos lusos termos digna.

Approxima-se entaõ um moralista destes como ha muitos no nosso planeta, e dogmaticamente exclama : — O auctor diz muitas verdades, mas nem todas as verdades se devem dizer, — porque entre outras muitas, as fraquezas humanas saõ como o interior da terra, onde se sabe existir um grande fôgo, mas do qual naõ pódemos e nem devemos nos approximar!

Perfeitamente bem pensado!! — ironicamente dirá um desconhecido !...

Caspité! — acóde um phylosopho que por acaso introduzio-se na assemblea : — Convençam-se duma vez, senhores condecionaes-grammaticos, que todo homem procede sempre segundo as

theorias do meio em que vive; e como os Snr^es^, estam ainda na phase fetichista da litteratura, naõ podem ter entaõ ideias abstratas, para comprehenderem o fim das cousas. — Os Snr^es^ occupam-se, por ora sómente, com as palavras e légam as ideias à posteridade; saõ como os selvagens, que comprehendem uma arvore em particular, mas naõ podem conceber a ideia mais abstrata de floresta; e por isso acham-se parados na idade media, sem comprehenderem o passado, ignorando tudo do presente, inteiramente cégos no futuro, e hoje estam como paralyticos atraz do carro do movimento social!

Os vossos escriptores trabalham

muito no torneio da phrase, e deixam os seos escriptos vasïos como o ventre d'um usurario ; sem produzirem nada mais do que um amante chorando as infidelidades da sua amada; um poéta cantando as pedrinhas do fundo dos rios ; — um outro exaltando o canto dos passaros, e quasi todos arvorados em herois de romance, phantasiando aventuras amorozas nos cemitérios e outros logares ermos, ou elogiando-se mutuamente como verdadeiros apreciadores! — E se alguem lhes deita um microscopio desejoso de ver, ao menos, o embryaõ de tamanha fadiga, o indiscreto instrumento só lhe mostra um mirrado espermatosoïde , por todo

fruto de tantas combinações de palavras !

Silencio ! brada um relativista : elles estaõ de boa fé, e se fallam é porque julgam ter razaõ !

E eu digo finalmente á tudo isto;— esta dedicatoria é feita confidencialmente á um amigo n'esta carta, e naõ posso permettir que o meo segredo seja revelado!

Bem sabes, meo Barretto, que as mesquinhas producções d'aquelles que escrevém para explorar o publico, morrem com os typographos que as imprimiram!

Quelques histrions qui font pleurer

ou rire ne valent pas la peine d'être regardés.

Mas o habito os empelle á obrar, e por isso se julgam justificados; ignorando elles que os seos escriptos só servem de fomentar a ociosidade, retardando com isso o verdadeiro progresso intellectual. — Muito póde o habito! — Mucho : — *me dirás tu*, — no te diviertas : pasa adelante.

Mas seria fóra de tempo a minha iniciativa? — far-me-hia comprehendido? ha se de tirar algum proveito de tudo isto?

Finalmente, crés tu que os nossos compatriotas se serviraõ da minha ideia para se lembrarem de fazer al-

guma cousa util? — naõ sei! — mas quer os nossos retrogrados queiram, quer naõ, esta semente germinará, máo grado seo, no nosso paiz! — eu o espero.

E nós concorrreremos com o nosso óbulo para o edificio da sociédade!

Acceita pois este tributo de gratidaõ do teo amigo e companheiro de Universidade.

F.-A. BRANDAÕ Jor.

Bruxellas, Março 1865.

I

Aucun ordre réel ne peut plus s'établir ni surtout durer, s'il n'est pleinement compatible avec le progrès ; aucun grand progrès ne saurait effectivement s'accomplir, s'il ne tend finalement à l'évidente consolidation de l'ordre.

Auguste COMTE, *Philosophie positive*.

CAPITULO I.

O COMEÇO DA ESCRAVATURA NAS COLONIÁS PORTUGUESAS DA AMERICA.

Na infancia social dos póvos, o instinto de conservaçaõ material predominando sobre as faculdades intellectuaes, a excitaçaõ dos praseres physicos é taõ exigente que, mesmo as affecçoẽs domesticas saõ apenas senciveis, e as sociaes extrictamente limitadas á uma pequena parte da so-

ciédade, quando esta já tem attingido um gráo de civilisaçaõ muito adiantado; em quanto que a outra acha-se ainda estranha e até mesmo ciosa do bem estar de todos, sendo entaõ as paixoẽs égoistas quasi que o unico móvel dos homens na sociédade.

As concepçoẽs concretas nos primeiros tempos da vida do homem, fazem-no atribuir os mesmos sentimentos, as mesmas percepçoẽs á todos os corpos, tanto animados como inanimados, e a faculdade de relaçaõ existe apenas como um germen, incapaz de perceber as mais simples leis physicas.

Estas podem ser explicadas sómente quando podemos apanhar a relaçaõ

que existe entre o efeito e a causa; percepçaõ esta que denota um desinvolvimento intellectual muito adiantado, porque as leis physicas naõ existem senaõ como percepçoẽs do apparelho cerebral.

Esta quadra primitiva da humanidade, bem como o estado positivo final, saõ as duas phases sómente susceptiveis de duraçaõ, e de concepçoẽs verdadeiras, como saõ a infancia e a virilidade.

E a quadra ilusoria ou transitoria, theologo-metaphysica, como passagem inevitavel em muitos povos, para o complemento do estado positivo final.

Na vida selvagem ou primitiva, como vimos, dos tres elementos fundamentá-

es da naturesa humana, a actividade é a que se desinvolve primeiro; e aquelles orgaõs que por uma causa anormal, funcionam antes da preparação necessaria, acarretam o abortamento geral de todos aquelles com os quaes tem conexaõ, e a impossibilidade de continuar o progresso dynamico é o fim de todo o organismo.

A este desinvolvimento preccóce das faculdades intellectuaes, é á que se deve atribuir o desaparecimento de muitos povos, antes do que á causas physicas que, obrando tambem poderosamente, só fasem desaparecer as naçoẽs, emquanto que a humanidade continúa a sua evoluçaõ, sendo apenas

retardada, mais ou menos, no seo progrèsso subjectivo.

A China nos apresenta um exemplo palpavel de estabelidade do estado fetichista (1).

Num periodo de quatro mil annos esse povo tem subsistido á todas as revoluçoẽs que fizeram desaparecer os imperios de Babylonia, Egipto, Nenive e Assyria; e, na perfeita harmonia de todos os gráos da escala social desse paiz, a nacaõ marcha para o estado positivo da humanidade.

A America tambem seguia a evoluçaõ do espirito humano, quando nos

(1) Voir *la Civilisation chinoise*, par M. P. Laffitte.

fins do XIV seculo, os Hespanhoes guiados pelo famoso navegante Christovaõ Colombo, aportaram ao Novo-Mundo.

Os povos que habitavam entaõ essas regioẽs, uns formando naçoẽs bem difinidas como o Mexico e o Perú, outros em simples Aldeias, e alguns ainda nomades, nesses diferentes gráos de civilisaçaõ, todos se desinvolviam segundo as leis fixas e immutaveis do progresso subjectivo.

Mas a naçaõ briosa do seio da qual havia surgido, alguns seculos antes, a cavaleria andante, a dedicaçaõ do forte pelo fraco, conquistou grande parte das duas Americas, e nos horrores mais

exagerados, ou verdadeira exacerbaçaõ cerebral do instinto de destruiçaõ, acabaram os hespanhoés com essa populaçaõ, allegando a sua converçaõ ao Christianismo (1).

(1). *Nota.* Daremos por cuenta muy cierta, y verdadera, que son muertas en los dichos quarenta anos, por las dichas tiranias é infernales obras de los Christianos injusta, y tiranicamente : mas de doze cuentos de animas, hombres, y mugeres, y ninõs, y en verdad que creo sin pensar enganãrme, que son mas de quinze cuentos.—*Las Casas. Relacion de la distrucion de las Indias.*

Em outra parte desta obra diz o mesmo autor : — Despues de acabadas las guerras, é muertos en ellas todos los hombres, quedando comunmente los mancebos, é mugeres, y ninos, repartirenlos entre si, dando a uno treynta, a otro quarenta, a otro ciento, y docientos (segun

Asentença de S. Thomaz : *Ritus infidelium non sunt aliqualiter tollerandi* dominava nessa epocha aos occidentaes, como tambem, e ainda hoje a sêde do ouro ; e as guerras de religiaõ que tanto assolaram a Europa, estenderam-se tambem a America, excitando os Europeos a dertruirem esse povo que naõ

la gracia que cada uno alcançava con es tirano mayor que dezian Governador) y assi repartidos a cada Christiano, davan cellos con este color : que los ensenãse en las cosas de la Fé Catolica, siendo comunmente todo sellos idiotas, y hombres crueles, avarissimos, é viciosos, haziendolos curas é animas. Y la cura, ô cuydado que dellos tuvieron, fue embiar los hombres a las minas a sacar oro, que estrabajo intolerable, é las mugeres ponian en las estancias, que son granjas, a cavar las labranzas y cultivar la tierra (1552).

estava em estado de comprehender as dotrinas do Christianismo.

Os Portugueses seguiram o exemplo dos seus vesinhos os Hespanhoes, no paiz que tinhaõ descuberto em 1500, ao qual deram o nome de Brazil.

Esta regiaõ começou á ser povoada pelos Portuguezes, quando este povo decahia victima de dissençoẽs politicas, e via germinar no seo seio muitas religioẽs diferentes, como o Judaismo, o Mahometismo e o Christianismo semque os sectarios desta ultima religiaõ podessem oppor-se à tolerancia do paiz que seguia à evoluçaõ do movimento social, que havia começado com a invasaõ dos Arabes na Europa, e apressado

a queda do theologismo, que era ja insuficiente para derigir as intelligencias.

O theologismo decahia, e os padres em vão tentavam reanimal-o acendendo as fogueiras da inquisiçaõ, que só serviam como tochas mortuarias, para o muribundo que se approximava do tumulo!

Areligiaõ, base necessaria da sociedade, estava abalada; as ambiçoês se succediam, os costumes se corrompiam, o punhal do assacino supria a insuficiencia da lei, e os males produzidos pela queda da Fé Catholica cresciam sampre, sem esperanças no animo de poucos do aparecimento dum systema

social, que fizesse parar a naçaõ que balançava entre o egoismo e a moral!

O numero dos enimigos do theologismo crescia todos os dias, e as fogueiras da inquisicaõ sendo insuficientes para consumil-o, grande parte dos condemnados eram enviados ao Brazil para povoarem o paiz.

Esses exilados, e muitos outros portugueses que imigravam para as colonias, professando en alto gráo, naõ obstante as dotrinas do seculo, a maxima ou dogma do Catholicismo, *de arrojar do seo seio, todo aquelle que naó tiver as mesmas ideias*, assolaram o paiz, matando os seus pacificos habitantes, ou reduzindo-os a escravidaõ,

com a aparencia de convertel-os à Fé Catholica; e essa infeliz instituiçaõ sancionava-se no paiz, pelo simples voto desses poucos homens, expulsos do seu paiz, uns por crimes, outros pelas doctrinas de entaõ, e todos ávidos em descubrir ouro no paiz que tinham conquistado!

Em vaõ os filhos de Layola oppuseram uma barreira a devastaçaõ geral desses infelises homens, que desappareciam aos milhares, por naõ poderem passar bruscamente do estado fetichista, simples, de ideias todas concretas, ao estado muito adiantado de abstraçaõ intellectual, como é o monotheismo.

Os jesuitas, que tantos benificios

fizeram aos indigenas no novo-mundo, seguiram um systema de civilisaçaõ que estava mais em harmonia com o seo estado selvagem.

E pelas sabias medidas tomadas por essa companhia, na educaçaõ das pobres victimas da cupidica ambiçaõ dos Christaõs, devemos hoje a incorporaçaõ d'uma minima parte desse povo, no seio da familia brazileira (1).

(1) *Nota.* O historiador Constancio diz, *Historia do Brazil*, 2º vol., p. 118. — « O grande objecto do governo portuguez, era de misturar os Indios com os Portugueses, de modo a formar uma só naçaõ ; e para isso julgava indispensarel distruir os Jesuitas. Aintençaõ eraboa, mas naõ se tomaraõ meios adquados a realizal-a. » Bellissima, theoria, ou

— 20 —

Mas essa companhia naõ poude continuar a sua obra de educaçaõ, pelo espirito metaphysico que invadia todas as intelligencias, apregoando *o livre Arbitrio*, o qual encontrava nos padres

antes um sonho de momento! — Quando o author traduzia muitos annos depois, uma ideia sem duvida grandiosa do seo governo, esqueciase de que esse mesmo governo em tres seculos, trabalhou antes em sacar ouro das suas colonias, para apagar a sêde que o devorava, do que em livrar das maõs dos seos barbaros subditos, esse povo innocente que ainda na infancia, se via degolado por esses inhumanos gigantes da civilisaçaõ, cujo unico Deos era o ouro!

Ainda em 1847 um lacrador do Codó, provincia do Maranhaõ, conseguio tirar das suas tabas um crescido numero de indios, e nem um só desses infelizes existe hoje; o que foi feito d'elles?...

Do Autor.

um systema mais logico de phylosophia, — *a fé manda,* — que era uma barreira levantada à ociosa procura da liberdade do homem.

O sacerdocio, o unico que pode legar a mocidade uma moral estavel e os verdadeiros principios de socialismo, foi substituido pelo governo secular, incapaz pela sua heterogenidade de ideias, de organisar um systema social qualquer; e esses homens foram de todo abandonados.

Acompanhia de Jesus foi destruida no Brazil, e os indigenas permaneceram nos primeiros rudimentos da religiaõ Christã, que já começavam a comprehender, misturando-os depois com

as praticas do fetichismo, como actualmente se acham.

Dois seculos depois do descubrimento desse vasto continente os Christaõs, hespanhões e portugueses, tinham feito desaparecer quasi toda a populaçaõ indigena reduzindo-a á escravidaõ, e sómente nos meados do ultimo seculo, foi que por um decreto esses infelizes foram considerados livres no Brazil.

Os cor de cobre desapareciam por naõ poderem torcer-se á escravidaõ, e os brancos lançavam-se as plagas Africanas, á pretesto de ensinarem á esta outra raça mais infeliz ainda, os preceitos da sua religiaõ; e deste modo a

escravatura Africana sancionava-se tambam no paiz, como uma necessidade para a sua agricultura; e a Mai-Patria legava as suas colonias uma instituiçaõ que grandes males lhes tem causado, e causará ainda, si sabias medidas naõ forem tomadas á tempo!

CAPITULO II.

Oestado actual do escravo no Brazil.

Como pretendemos descrever fiélmente o estado do escravo no nosso paiz, tomaremos a provincia do Maranhaõ, para facilidade deste artigo, (desta se póde colligir das outras provincias do Imperio) porque fomos educado numa fasenda de lavoura de Algodaõ nessa provincia, conhecemos por conseguinte o estado do escravo e

dos senhores, e como fiel narrador não podemos deixar de desenhar este quadro com todas as suas cores.

Pelo capitulo precedente vimos que na regiaõ desculerta pelos portugueses no Novo-Mundo, tinha sido introduzida a escravatura africana, como meio seguro de povoar o paiz, e esses homens considerados como os unicos cultivadores possiveis, em razaõ de serem filhos d'um paiz identico a nova patria que lhes faziam adoptar, e sobre tudo porque o estado nascente de civilisaçaõ desse povo lhe fasia encarar a escravidãõ como um estado necessario a sua organisaçaõ physica e social. Os senhores empregando um capital

avultado, muitas vezes, nesssas machinas de forma humana, considera-as como bens moveis, com sanção das leis; tendo sobre ellás todos os direitos de posseçaõ, com exclusão somente d'aquelles que os sentimentos de socialismo et os principios de moral repelem como monstruosos, taes como o direito de vida.

A escravaturà foi sempre considerada como heredictaria em todas as vidas, isto é, os seus descendentes ainda hoje partecipam da sorte dos pais, ficando sempre escravos: *Partus sequitur ventrium.*

Os senhores podem vendel-os, mesmo sendo casados, e separadamente;

podem castigal-os com açoutes, prizões, ferros, etc., e por um sentimento de humanidade ainda uão de todo amortecido pela sorte desses infelizes, saõ elles vendidos, por graça especial, conjunctamente com suas mulheres e filhos.

Nas fasendas naõ ha outra lei que a vontade absoluta do senhor, à qual é transmitida bruscamente ao feitor, que de ordinario é um escravo de confiança; e como naõ ha melhor cunha do que a da mesma madeira, o que bem manda o senhor melhor executa o escravo, na excessiva exigencia do pesado trabalho da lavoura.

Este trabalho consiste no seguinte:

As seis horas da manhã, o feitor faz levantar da sua rude cama ao pobre escravo fatigado dos trabalhos da vespera; este dirige-se ao serviço; começa-se a roçar o mato para a plantaçaõ do anno seguinte, isto é, á cort'ar com a fouce as arvores menores. Este trabalho dura de ordinario dois mezes, conforme o mato que roçam e as forças dos escravos.

Depois segue-se a derribar á machado as grandes arvores, e tanto este como o primerio trabalho dura doze horas por dia. Anóite volta o escravo á casa ende o espéra um seraõ de duas ou mais horas; conforme a respidez ou bondade do senhor. Deitam depois fogo

a derribada, e *encoivaram-na*, isto é, cortando e arrimando em montes aquelles ramos e troncos menores das arvores que escaparam ao incendio, e que podem prejudicar as plantaçoẽs pelo terreno que occupam.

Estes montes de ramos saõ queimados de novo. Quadro triste e devastador! Arvores seculares que ha dois mezes derramavam a frescura núma grande estençaõ de terreno, achaõ-se por terra núm campo devastado pelo incendio, cuberto de cinzas, e no qual o escravo é obrigado á passar doze horas, debaixo do sol do equador, sem encontrár uma só arvore para se abrigar!

As derribadas tem fatigado o sólo, que em muitas partes não produz senaõ algumas gramináas somente proprias para o sustento do gado; a temperatura tem augmentado, as estações tornaram-se irregulares, as chuvas algumas vezes, estragam as plantaçoés, e outras faltam de todo; os riachos e alguns rios de pouco fundo, como o Itapucurú, tem secado ou quasi impossibilitado a navegaçaõ, e as madeiras de construcçaõ tornaram- se raras, ou somente existem muito distante das habitaçoẽs (1).

(1) *Nota.* Avilla do Codó, no Maranhaõ, começou a ser povoada no anno 1840, e hoje no districto dessa villa, nao existem matas virgens

Quando já tem chovido, em fins de Dezembro ou principios de Janeiro, começa-se a plantaçaõ da derribada; e a unica ferramenta que empregam é, para o algodaõ, uma pequena enxada, e para o arroz ou milho um páo com uma ponta de ferro paza abrirem as cóvas.

Segue-se logo a capina, serviço este penoso para o escravo, que sem outro instrumento do que o sacho, é forçado a estar todo o dia curvado, a cortar os rebentoês ou outras plantas indigenas, e soportando um sol de 40° cent. — Este trabalho, que é o mais penoso,

senaõ noalto dos morros, que sao improprios a agricultura; tudo o mais foi derribado!

dura tanto tempo quanto o necessario para que as plantas se fortifiquem.

Passa-se depois á cortar o arroz, em Maio ou Junho, o que faz cada escravo com uma pequena faca, cortando os cachos um a um, e a noite no seraõ, batem com uma vara para desprender-se os graõs do regime.

Neste genero de trabalho os feitores exigem um certo numero de alqueires de arros á cada escravo, e se o desventurado naõ lhe dá a conta exigida, *o paõ d'elles de todos os dias*, isto é, o chicote é a conclusaõ final!

Ha ainda um outro genero de trabalho, noã menos penoso, e no qual os

senhores saõ ainda mais exigentes que é a *apanha* do algodaõ.

Para esse trabalho os escravos despersam-se num certo espaço pela roça, e vaõ colhendo os capulhos e depositando-os num cesto ou sacola (côfo) que para esse fim cada trabalhador traz atado á cintura.

Por um sol ardentissimo, a athmosphera innundada dúma luz fatigante, o escravo esforça-se em colher ligeiro a capsula que tem em vista, somente atendendo a terrivel balança que o ha de condenar, sem petiçaõ de graça; e sem outra esperança de uma recompensa do que o descanso, nesse dia, do castigo cotidiano.

Triste e barbaro é este painel! No meio dos horrores da escravidaõ, tendo a certeza do castigo na falta de trabalho, e a falta de premio, no caso de satisfazer, o que delle exigem, nenhuma queixa solta contra os seus opressores; e como pela lei do habito os argaõs fatigam-se com a sensaçaõ de dor, bem como no caso contrario pela do prazer, instintivamente vem a acçaõ em contrario, a um déstes estados pela intermitencia do apparrelho sencitivo; e esta especie de reaçaõ ou adormecimento da funçaõ de relaçaõ, é um linitivo aos soffrimentos moraes.

E elle interrompe de espaço em espaço o silencio desses desertos com o

seo canto lugubre, inspirado pela sua candiçaõ de escravo, e cujo compasso é muitas vezes medido com o estalido do azurrague!

Quantas vezes naõ terá o negro amaldiçoado á essa raça branca que ha muito tempo vive do seo suor, sem lhe dar as mais das vezes, outra recompensa do que um barbaro castigo? — mas na raça negra domina o sentimento, e o seo coraçaõ é como o da mulher, hoje na sociedade, que traga em silencio as infedilidades do marido, porque elle, esse homem que exige de sua esposa uma fidelidade que elle está longe de desempenhal-a é o pai de seas filhos!

Raça malfadada e vilipendiada por outra melhor partilhada nos dons da intelligencia! — O branco, raça na qual domina a intelligencia, tem subjugado e perceguido á todos os outros seres do mundo organico; e mesmo entre os seos o mais intelligente e o mais rico é o dominador! O Affecto, á Veneraçaõ e á Bondade, estes sentimentos altruistas dados pelo impulso do coração, são immudecidos nesta quadra de anarchia moral, pelos sentimentos egoistas de dominaçaõ, interesse e ambiçaõ! A negra, perceguida, separada dos laços de familia pelos interesses pecunarios do branco, é lévada á sacrificar mesmo o affecto maternal

perante o altar da dignidade humana, e o impulso de bondade que carateriza o homem, e lhe dá a superioridade sobre os outros animaes, para livrar seo filho por meio do aborto provocado, de seguir a sua mesma sorte, e de ser a triste vitima da desordem que reina entre os homens.

Mas a humanidade vai marchando para o estado positivo, e a proporçaõ que a raça branca for cultivando mais o sentimento, e fazendo abstraçáõ do *eu possoal* pelo bem geral dos homens, a ordem irá augmentando e o interesse de todos será o fim de todos.

Algumas intelligencias rachiticas naô vêem que a pouca ordem que existe

entro os homens, é obra do homem, e que todos devem trabalhar para augmental-a, pois que a ordem é a base da sociédade bem como o progresso é o fim? — naõ; é preciso elevar o pensamento á uma intidade, creada segundo a nossa imagem, e esperar que della ou sómente das relaçaes exactas, permanentes e universaes de similhança no Universo e Espaço nos venha o Amor por principio, a Ordem por base e o Progresso por fim!

Contudo, apezar de todos os rigores pelos quaes passam os escravos, elles saõ bem tratados quando adoécem: e algumas vezes mesmo, se a molestia é grave, fazem chamar medico, e se o

escravo é bem procedido os sonhores naõ poupam sacrificios.

A todos dam-lhes um fato grosseiro de serviço, e terras para fazerem as suas plantaçoẽs, e os domingos e dias fériados saõ-lhes liberalmente consedidos, depois d'um *serão* (1) pela manhã.—Muitos podem reunir um peculeo com o qual compram a sua liberdade, e á alguns privilegiados a liberdade lhes é dada em primio dos seus serviços.

As amas de leite dos filhos dos fazendeiros saõ muitas vezes alforriadas, e

(1) *Nota.* No Maranhaõ este termo significa o trabalho aque estaõ os escravos subjeitos, pela manhã nos Domingos e dias feriados, independente do trabalho noturdomo. Nota do Autor.

fazem parte da familia; mas isso nem sempre acontece, e nós já vimos os *senhores moços* venderem as suas amas e colaços e algum fasendeiro[illegible] seus proprios filhos!

Aquelles escravos que pelo seo bom comportamento merecem uma distinçaõ dos seos senhores, e saõ por elles respeitados, constituem — se verdadeiros amigos dos brancos, muitas vezes mesmo com sacrificio da propria existencia, como temos visto muitos exemplos, e naõ ambicionam outra recompensa senaõ á amizade dos seus senhores.

Naõ obstante toda a persiguiçaõ que elles soffrem, e o cuidado que tem os

senhores em reprimirem os sentimentos de independencia, os escravos suspiram sempre pela liberdade, e o desejo de rebelarem-se para a conquista da sua independencia, existe sempre como o echo dalguns outros povos que já passaram pelo mesmo estado, e que hoje vem chegando aos seus ouvidos, e excitando-os á luta. Por vezes o Brazil tem passado por estas scenas, sanguinolentas representadas por um dos seos elementos na revindicaçaõ dos seos direitos, fatalmente estorquidos pelos outros. — A republica dos Palmares, a rebeliaõ do Cosme no Maranhaõ, e tantas outras tentativas de conquistar a sua liberdade, tem sido ensaiadas

pelos escravos; e a ultima scena do drama representado em S. Domingos, nos principios deste seculo, e o segundo acto nos Estados-Unidos, ensaia-se a esta hora no Brazil!

CAPITULO III.

NECESSIDADE DE ABOLIR A ESCRAVATURA, E OS MEIOS QUE DEVEMOS EMPREGAR.

A sociédade brazileira compoem-se dos brancos, europeos e seus descendentes; dos mestiços livres, filhos dos brancos com as negras e indigenas, e destes entre si; dos indigenas difinitivamente encorporados na sociédade, e dos negros livres e escravos.

Os brancos occupam as posiçoès

oficiaes, e tambem os mestiços; estes formam a maioria da naçaõ e saõ copistas da civilisaçaõ européa.

Os indigenas civilisados e os negros forros, quasi sem instruçaõ, ociozos, sobretudo os primeiros, vivem da caça e da presca, habitando miseraveis cabanas nas proximidades dos campos, e sem outro sentimento social que o de dar o seo voto em tempo de eleiçoẽs, á quem lheder alguns mil reis, ou permição de edificar as suas cábanas nas suas terras (1).

(1) Nota. Salvo algumas excepçoês d'alguns negros e mestiços que saõ Doutores, negociantes (estes saõ brancos de fato) fazendeiros ou artistas, todos os mais vivem como dissemos. (Do autor.)

Estes occupam-se muitas vezes nos empregos de vaquéiros, feitores, tripolantes de barcos etc., e alguns na agricultura.

O exercito e a marinha saõ recrutados dessa massa, bem como os soldados da Guarda-Nacional.

Os escravos..... saõ escravos! nenhuma instruçaõ absolutamente!

Ora, uma sociedade composta de partes taõ heterogeneas, alimentando no seo seio um espirito de classe, degenerando em monstruósa antipathia uma pelas outras; com exclusaõ quasi absoluta nos laços de familia, e todos animados dum egoismo sacrilego em nutrir-se á si sómente, em prejuizo de

todos, dizemos, qual será o futuro provavel de uma tal sociédade?

Fujamos de o descrever antes que um regimem novo e social seja adoptado pelas sociedades mais adiantadas da velha Europa, e que sendo aceito pelos seus descendentes no Novo-Mundo, esta sociedade se ponha á cuberto da dissoluçaõ que à ameaça!

Mas segundo as idèas do seculo, e no estado em que actualmente se acha à sociedade, à escravatura naõ póde permanecer no pé em que actualmente se acha; e de ha muito que a civilisaçaõ repélle essa deshumana instituiçaõ, e a guerra dos Estados-Unidos veio dar lhe o golpe fatal; pois que com a

paz nesses estados ficaremos nós somente os brasileiros os unicos possuidores de escravos; e quem o permitirá? nenhuma naçaõ sem duvida!

Seremos forçados á fazel-o, e a guerra entre irmaõs nos reduzirá ao triste estado em que se acha actualmente aquella republica outr'ora taõ florecente!

E quaes seraõ as consequencias de uma taõ prematura medida? — Todos vèem que o escravo, sem nenhuma instruçaõ absolutamente, ainda na infancia dos sentimentos sociaes; sem amor ao trabatho, e pelo contrario, vencendo-,o somente pelo receio do castigo; acrescendo habitar um paiz no qual as

necessidades da vida material podem ser satisfeitas sómente com o pequeno trabalho da caça, pesca e frutas que em abundancia lhe menistra as florestas, e ainda mais alimentando uma antipathia pelos brancos e mestiços, repetimos, neste estado o escravo naõ póde ser assimilado á sociedade, como uma parte gangrenada, e que só serviria de incentivo á discordia que mina os nostos elementos apressando ainda mais o nos so desmembramento total!

Asociedade homogênea, isto é, aquella que apresenta uma escala perfeita de herarchia social, naqual os theóricos expoem e os praticos executam; havendo uma perfeita divisaõ de

trabalho, e todos sinseramente dedicados ao bem geral de todos, é a unica que marcha com o verdadeiro progresso, e segundo as leis da evoluçaõ do espirito humano.

Mas o Brazil naõ si acha neste estado, pela sua heterogènidade de raças e diferentes gráos de civilisaçaõ; e por conseguinte, si por uma causa de força forem encorporados á naçaõ essa parte embryonaria da sociédade, esta soffrerá as consequencia de amamentar um parto corrupto e envenenador, que lhe irá roendo os laços das suas instituiçoês, e alongando a fusaõ dos seos elementos.

Entretando a necessidade de resolver

o complicado problema da escravatura é sentida mesmo pelas intelligencias as mais vulgares, á menos que naõ sejam abafadas pela ambiçaõ do dinheiro, e o grosseiro desejo de deriger escravos.

Equaes seraõ os meios de que devemos lançar maõ para assimilar o escravo á nossa sociedade, lembrando-nos de que toda e qualquer medida radical e immediata é impossivel?

Tres meios se nos apresentam, e um dos quaes bem cedo tem de ser posto em pratica.

Passaremos todos em revista.

Primo. Seremos forçados pelas naçoẽs civilisadas á dar a liberdades á dois milhoẽs de homens; e as conse-

quencias saõ as que jà exposemos, e ainda mais ficando os possuidores no desembolço da unica fortuna que possuiam.

Secundo. Dar a liberdade aos que nascerem, á contar de um certo tempo. Mas neste caso naõ contamos com a moralidade dos possuidores, e tememos a orfandade de milhares de infelises abandonados na infancia, sem ao menos herdarem os sentimentos de patria; porque o paiz naõ póde estabelecer casas de educaçaõ para esses desgraçados, expellidos do seio materno pela sua *inutilidade*, e os senhores naõ se encarregariam da sua educaçaô (1).

(1) *Nota.* E'caso muito commum no Brazil os

Opaiz perderia ainda mais com essa procreaçaõ bastarda, que seria ligada, como uma lepra, aõ corpo já taõ enfermo da nossa sociedade, e que seria encarada como um simples projecto dos primeiros rudimentos da especie humana!

Contudo por este meio no fim de oitenta ou cem annos, naõ existeria mais un só escravo no Brazil!

Mas hoje esses homens saõ escravos *ipso facto*, e no fim desse tempo sel-o-haõ ainda; porque como meninos no desenvoloimento intellectual, elles naõ

senhores ahandonarem os escravos velhos e infermos por naõ poderem trabalhar! (*Do Autor.*)

se pódem dirigir, e seraõ submetidos á um mentor, que os tratará nada menos como os senhores hoje o fazem, sómente concedendo-thes o titulo de *livres!*

E o que lucraria o paiz com isso? elles estariam difinitivamente encorporados á sociedade? — e a agricultura teria prosperado, ou ao menos ficado no mesmo pé em que hoje se acha? — Naõ! — nada disso aconteceria!; pelo contrario, o paiz retrogradaria de dois seculos mais!

Estas proposiçoẽs saõ evidentes por si mesmas, para que nos occupemos mais em discutil-as.

Tercio. Trataremos esta questaõ nem

só, pelo lado social, como tambem pelo phylosophico e utilitario; e os demonstraremos scientificamente.

Todos e quaesquer haveres sancionados pela sociédade saõ legaes; por isso mesmo que a moral depende das conveniencias da sociedade; — Ora, a escravatura foi sancionada pela sociédade, como uma necessidade de submeter a sua parte fraca, e incapaz de dirigir-se por si mesma, á outra mais forte e por conseguinte capas de lhe dar a direcçaõ, isto é, ficando assim constituida o primeiro degráo da civilisaçaõ feudal; logo aquelles que herdaram uma fortuna de seos pais empregada em escravos, embora hoje

seja monstruosa uma tal instituiçaô, estaô no legitimo gozo desses bens, como de todos e quaesquer outros haveres legalisados pela sociedade; e por conseguinte os possuidores de escravos, naô poderiam ser privados delles senaô injustamente atacandose o direito de propriédade.

E se assim acontecesse, o sociologico na intençaô de querer remediar a desgraça d'uma parte da sociedade, dando a liberdade aos escravos, lançaria a outra na miseria, privando-a do seo unico meio de vida; porque os centenares de familias que hoje vivem dos escravos, começariam a lutar com a pobreza, e o mal existiria pelo outro lado;

e nesta permutaçaõ do mal, d'uma classe cahindo sobre a outra, em nada resolve o problema a que nos propusemos, isto é, de estabelecermos uma herarchia social, necessaria a toda e qualquer sociedade bem organisada.

Pelo lado utilitario vimos que os possuidores de escravos naô podem ser privados da sua herança em *homens*, senaõ injustamente; mas veremos como resolxel-a praticamente.

Os possuidores de escravos, os fazendeiros especialmente, seriam obrigados, por uma lei (contamos neste caso com a moralidade, porque sem ella naõ ha compromisso possivel) á taxar um ordenado ao escravo, proporcional ao seo

trabalho; ministrar-lhe as machinas as mais simples, e menos dispendiosas, para pouparlhe as forças; livral-os inteiramente do castigo corporal, que só serve de embrutecer ainda mais o homem; marcar huma quantia rasoavel para o preço da sua liberdade, e proporcional as idades; tomando outras medidas segundo forem aparecendo as necessidades, porque a lei naõ póde prever tudo, e deste modo, dizemos, em pouco tempo estariam todos os escravos libertos, tendo ainda os estabelecimentos dos fazendeiros para continuarem nos trabalhos da lavoura, para os quaes seriam contratados como colonos, et a naçaõ ficaria assim livre

da mais inhumana de todas as instituiçoés.

Daremos um exemplo pratico do resultado deste methodo de resoluçaõ de um taõ complicado problema.

Um bom escravo no Maranhaõ custa um conto de reis; e no tempo do Algodaõ a dez mil reis, o seo rendimento dum anno era de 140,000^{rs}, pouco mais ou menes, inclusivè as despezas feitas com elle, isto é, uma diaria de 450^{rs}, e no fim de dez annos as forças do escravo tem deminuido, e com ellas esse rendimento.

Ora, o escravo tendo um ordenado proporcional aõ seo trabalho, este augmentará sem duvida, pela ambiçaõ que

todo o homem tem em tirar algum fruto do seo trabalho, e com a certeza de conseguir a sua liberdade, por esse meio; e o seo rendimento montará necessariamente a 600 ou 800rs diarios. E si o ordenado estipulado for de 200rs por dia, no fim de dez ou quinze annos, elle terá reunido um peculeo de setecentos á cito-centos mil reis, quantia esta necessaria para a compra da sua liberdade.

Os senhores deste modo amortisariam o capital empregado nesses homens, e elles veriam a formar assim o proletaria honrado do paiz, ficando sanados os males que hoje solapam o

Brazil, na fatal herança da escravatura légada pela Mãi-Patria.

Os seos descendentes, seriam ainda, considerados escravos, ou simplesmente tributarios dos seos antigos possuidores, durante um tempo dado, no fim do qual todos seriam considerados livres mas subjeitos aos estabelecimentos como colonos, pela sua incapacidade de derigirem-se por si mesmo.

O primeiro passo para a arriscada empreza da aboliçaõ da escravatura, é desde já serem considerados, por uma lei, escravos da gleba; — *prohibiçaõ absoluta da venda dum só escravo!*

Pelo lado moral e phylosophico esta questaõ esta resolvida em presença das

ideias do seculo ; isto é, a escravatura é uma instituiçaõ injusta ; e naõ póde permanecer sem offensa dos direitos dos homens, e é uma ignominosa affronta do principal elemento dos laços sociaes, de sympathia e fraternisaçaõ entre os homens, — a religiaõ !

Desapareça duma vez da terra de Santa-Cruz a face impaledecida do homem curvado ante o azurrague que lhe corróe as carnes, para alimentar o coraçaõ embrutecido de outro homem que emmudece avista dos soffrimentos dos seos semelhantes !

As caricias impuras do senhor naõ abafem mais com o estalido do chicote, ao affecto maternal e o amor

conjugal da escrava que foje do leito manchado do seo algoz!

O innocente que desde o berço levou na fronte gravado o infamante epitheto de ESCRAVO, seja depois um homem livre, um membro da sociédade, um élo da cadeia da humanidade!

E o branco conhecendo melhor a sua posiçaõ, e o gráo da escala social que o negro deve occupar, levante esse seo semelhante com fraterna maõ, em vez de opprimil-o como um vil escabêllo, dos sentimentos egoistas do seo coraçaõ!

Nao seria justo que S. M. o Imperador do Brazil désse o exemplo, começando pelas fasendas da corôa, pro-

pondo ás camaras o emprego dos meios que apresentamos, ou de outros quaesquer para ultimar a escravatura, e servir de exemplo aos mais?

O que esperamos, o que pretendemos fazer, quando quererermos obrar para impedir a luta entre irmaõs, quando essa parte da naçaõ começar a revindicar os seos direitos, injustamente ultrajados pela outra?

Nada! — todos dormem o somno do indeferentismo no leito do egoismo e da vaidade, embriágados com essa politica revolucionaria et antipathica á todas as intelligencias bem educadas, que tem conservado a naçaõ na infancia dos regimens sociaes, e mantido os

seos élementos na sua heterogenidade premitiva, impossibilitando a completa fusaõ dos seos membros na organisaçaõ da herarchia social, necessaria à sua existencia real!

E' preciso despir a vaidade das posiçoẽs administrativas, concêber melhor os interesses da sociedade, separando á vista do *eu-sómente* pela ideia mais abstracta de naçaõ ou sociedade dum paiz, e sinseramente votar-se ao bem de todos, como via segura do progresso, e do dever do homem!

E vós senhores do poder!... a posteridade vos recompensará; e na sua justa colera sereis contemplados como um ante-paro que a desmoralisaçaõ da

epocha collocou ante os vossos contemporanêos, para impedir-lhes de marchar no progresso!

CAPITULO IV.

OS CALHAMBÓLAS.

Pelos factos muito resumidos que apresentamos do estado do trabalhadar subjeito, á que no Brazil chamam escravo, é possivel já fazerse uma ideia approximada do que soffrem esses infelizes nesse paiz; mas para naõ fatigarmos o leitor com estas scenas demasiadamente taõ repetidas, por tantos escriptores habeis, passaremos em si-

lencio muitas outras, que só serviriam de excitar o indignaçaõ de uns e o desdem de outros, e fallaremos dessas hordas de escravos que se escapam das fasendas e vaõ habitar as florestas, áos quaes daõ o nome de *Calhambólas*.

Aquelles escravos, cujas forças naõ podem vencer o pesado trabalho á que saõ obrigados, fó gem para as matas; e lá longe das habitaçoẽs, organisam uma republica, onde vivem da caça, pesca e da pouca cultura que a sua condiçaõ de foragidos the permitte.

Elles temem faser uma derribada consideravel, que possa suprir as suas necessidades, porque o fumo que se eleva na athmosphera, os denunciaria

aos brancos, que no seo odio exterminador, naõ poupam sexo nem idade. Os Calhambólas bem o sabem, e por isso limitam-se a pequenas plantaçoẽs de milho, arroz e mandióca; contudo algumas dessas republicas que se acham mais distantes das habitaçoẽs e as quaes contam um respeitavel numero de negros, cultivam o algodaõ e vaõ vendel-o á casa de alguns fazendeiros a troco de ferramentas para os seos trabalhos, espingardas e outras armas, fasendas, etc., que para esse fim fazem estes vir das villas, *pelo mêdo que tem dos negros, ou effeito de sympathia pela sorte dos infelizes foragidos* (1).

(1) *Nota.* O costume (permitanos dizer) dal-

Reunidos deste modo no meio das florestas, estas sociedades se constituem em governo, no qual todos prestam obediencia a um chefe, necessariamente o mais forte de entre todos.

E'o governo de todos os póvos quando começam a reunir-se em sociedade para a defensa commum.

Algumas vezes os negros ligam-se aos indigenas ainda selvagens, e formam sociedades ainda mais respeita-

d

guns fasendeiros venderem fazendas e outros generos aos foragidos, estende-se tambem áquelles que vivem nas fasendas dos seos senhores; e esse máo costume induz os escravos a roubarem aos seos senhores, para trocarem por cachaça, fazendas, etc., em casa destes vendilhoês, sedutores de escravos.

veis; e apesar da differença de raça a paz naõ é perturbada entre elles.

E assim deve ser;- pois que todos os membros dessa sociedade tendo pouco mais ou menos o mesmo desenvolvimento intellectual, isto é, sendo todos verdadeiros fetichistas, e animados do bem geral da republica, não pódem alimentar no seo seio o espirito revolucianorio, de concepçoẽs differentes, e ideias metapyhsicas, illusorias e prejudiciaes a todo verdadeiro progresso, que saõ um elemento de ambiçaõ e principio de antipathia, fonte necessaria de anarchia social.

Os calhambolas muitas vezes tornam-se respeitaveis pelo numero dos

seos nacionaes, e inspiram verdadeiros ciumes aos brancos, como foi a celebre republica dos Palmares, e outras muitas que sucessivamente tem sido destruidas, pelo medo que tem elles de que se forme uma sociedade na sociedade.

Mas quaes saõ as causas que movem a um dos elementos duma nação a separarse dos outros, constituindo-se seo inimigo?

E'a differença de ideias, ou a desharmonia entre as suas partes; o jugo duma pesando sobre a outra, e a desmoralisação que produz e alimenta esta falta de equilibrio entre os seos elementos!

Da liberdade de pensamento resulta

a desintelligencia entre os homens; causa primordial da impossibilidade de verdadeiras concepçoẽs, sendo antes o incentivo da ocioza procura das causas primarias.

Mas esta especie de eclypse intellectual, não é senaõ uma quadra transitoria, pela qual a humanidade é sujeita a passar; e deve ser considerada como elemento de dissolução aos velhos prejuizos, ẽ fecundação da anarchia e egoismo anti-social.

Todos os verdadeiros pensadores, vendo que todas as acções dos homens saõ sempre proporcionaes ao grao do seo desinvolvimento intellectual, collocam-se no terreno da relatividade, e

trabalham em promover o desenvolvimento natural das suas funçoẽs cerebraes, unico meio de chegar-se a um resultado verdadeiro.

E no estado metaphysico, o homem julgando-se ter o direito de liberdade de acção combate todas as ideias antipaticas a sua, cahindo na horrivel contradicçaõ de negar aos outros o direito de tambem obrar segundo as suas concepçoẽs ; esquecendo-se de que cada homem procede sempre segundo as ideias do meio em que vive.

D'ahi provem todas as revoluçoẽs e desmoralisaçoẽs, d'aquelles povos que naõ se acham no estado fetichista e positivo, unicos susceptiveis de duraçaõ.

O Brazil passa hoje por esta quadra revolucionaria, e soffre mais do que as outras naçoẽs da Europa, que se acham nas mesmas circunstancias, pela sua heterogenidade de raças, e o jugo de uma das suas partes pesando sobre a outra, — *o dominio da raça branca sobre a negra.*

E o paiz conta centenas desses homens que se tornaram selvagens no meio das suas innumeraveis florestas virgens constituidos inimigos dos brancos e por elles considerados como o *ultimo élo descendente da cadeia da intelligencia humana !*

Esses homens, perseguidos, torturados, mesmo no meio dos seos escon-

drijos pelos seos oppressores, como animaes bravios, saõ levados á vingança pela indignaçaõ que nasce no coraçaõ do homem que soffre injustamente; e na sede da sua justa colera lançam-se sobre as fasendas dos brancos, pondo fogo a tudo e seduzindo os outros escravos! — Mas, no estado actual da sociedade, naõ vemos nós, a vingança supprir a insuficiencia da lei? — A mesma sociedade que é a unica que póde castigar ou premiar os homens pelos seos vicios ou virtudes, repetimos, na impossibilidade de moralisalos, nesta quadra de transiçaõ, impor a moral com o nome de lei, e severamente punir aos criminosos? — É este um

facto de observaçaõ! E os negros naõ encontrando da parte dos seos barbaros oppressores senaõ um castigo evidente como as leis da gravitaçaõ, vingam-se!...

Longe de nós louvarmos um tal procedimento, que bem o sabemos, é filho da desordem que reina entre os homens; — professamos ideias positivistas, e naõ podemos nunca sancionar a força empregada por uma parte da sociedade, na revindicaçaõ dos seos direitos ultrajados pela outra; — naõ; o repetimos, nós só conhecemos o dever como norma de conducta do homem!

Na provincia do Maranhaõ, durante a administraçaô do presidente Olympio

Machado, os quilombos do Tury-Assú e Mearim foram destruidos, e os seos habitantes mortos ou feitos prisioneiros; e ultimamente as mesmas scenas tiveram lugar.

Mas já poderiam estar convencidos de que esses meios naõ vedam a formaçaõ de novos quilombos, e deveriam lembrar-se de que a civilisaçaõ e a moral repellem o emprego de taõ barbaras como inuteis medidas.

Naõ seria mais justo que o governo tratasse de empregar esses homens como colonos, livrando-os por este meio, d'um castigo barbaro, que só serve de excitar os brancos contra esses infeli-

zes, e estes constantemente a occultarem-se nas matas?

Conscenciosamente naõ o poderaõ negar, porque muitos desses escravos saõ descendentes já de terceira ou quarta geraçaõ, d'outros que viveram no meio das matas, e cujos senhores nem por tradiçaõ conhecem já!

E aqui perguntamos, a quem entregam os escravos descendentes de outros que fugiram ha quinze ou vinte annos? — Sem duvida que ao primeiro senhor que com os seos velhos documentos de possessaõ provar que ha trinta ou quarenta annos fugio-lhe uma escrava de nome *Joanna*, e que segundo a legenda do prisioneiro, deve ser, sem

duvida, a maî ou avó do *sobre dito cujo!...*

Ora a formula da lei naõ podendo sustar a immoralidade, os prisioneiros saõ reconhecidos e restituidos ao primeiro reclamante, em vista dos seos documentos, como é de direito; e os legitimos possuidores neste caso não podem perdel-os? em muitos casos cremos que sim; e aquelles que conseguem escapar, embrenham-se ainda mais nas matas, ficando em ambos os casos, os seos possuidores no *inteiro desembolço dos seos capitaes.*

Por conseguinte, é esta uma poderosa razaõ para impedir-se o immoral ataque dos quilombos, como um meio

inutil e um acto que a civilisaçaõ repelle como monstruoso mortecinio contra esses infelizes, que outro crime não têem senaõ o desejo de melhorar de sorte, ambiçaõ esta que, em differentes gráos, domina a todo e qualquer homem.

Esses homens naõ saõ inimigos do trabalho, como pretendem os brancos, e em muitos casos elles saõ empregados pelos fasendeiros (como conhecemos aquelles que o fazem) nas suas lavouras, e saõ solicitos no cumprimento dos seos deveres, em razaõ do bom tratamento que recebem daquelles que delles necessitam.

O que prova que o escravo não fóge

senaõ ao castigo, as mais das vezes immerecidamente, que recebe dos seos senhores ou feitores; e se o castigo fosse proporcional a culpa, alem de serem mais humanos para com estes infelizes naõ forçariam esses homens a viverem nas matas como animaes bravios.

As penas devem ter antes um caracter de *uma satisfaçaõ dada a sociedade*, do que uma vingança ou reparaçaô do mal feito ao offendido; — saõ as penas, á relatividade do premio ao virtuoso, e uma necessidade no estado actual da sociedade.

As penas saõ antes uma barreira levantada ao vicio, do que um meio de

corrigil-as; porque só a moral o pôde fazer!

Hoje, contudo, as torturas, marcas com ferro quente, açoites e outros castigos cruéis tem desaparecido, pela necessidade que a agricultura tem delles, e por que o seo numero está consideravelmente diminuido.

É espantosa a estatistica dos negros entrados e existentes hoje no paiz! Demos um pequeno exemplo:

Em 1798 o Brazil contava 1,728,000 escravos negros, segundo o historiador Constancio; e esse mesmo escriptor diz:

« A importaçaõ annual dos negros » da costa de Africa tem variado muito.

» Nos primeiros annos da creaçaõ da
» companhia do Pará e Maranhaõ,
» montaraõ a mais de 100,000 cada
» anno. No Rio de Janeiro tem variado
» de 22 á 23 e 43,000 cada anno; e na
» Bahia e Pernambuco a proporçaõ.
» Pode em geral avaliar-se, termo me-
» dio, de 50 à 60,000 por anno.

» Hoje apesar da cessaçaõ legal do
» infame commercio de escravatura,
» entraõ 35 navios cada anno no Rio
» de Jeneiro, carregados delles vindos
» de Angola, Cabinda. »

Com estes dados podemos calcular que até o anno de 1840, deveriam ter entrado no paiz, sómente neste seculo (calculando a 10,000 por anno, por

todas as perdas dividas á aclimataçaõ dos negros, molestias, etc.) 4,000,000 de escravos; — destes 5 °/₀ se libertaram, e a propagaçaõ sendo, termo medio, de 1 : 3, mas, no paiz naõ existindo hoje mais de doés milhoẽs de escravos, para onde foram os mais?

Quantos milhoẽs de homens tem consumido o azurrague!

« Nas fasendas muitas vezes os gri-
» tos dos vivos, eraõ inferiores ao nu-
» muero de cruzes nos cemiterios! (1) »
(*Do Journal de Tymon.*)

(1) *Nota.* — Contaram-nos (não o afirmamos) que um fazendeiro do Codó, na sua excessiva exigencia de trabalho dos seos escravos, obrigava por isso as negras que amamentavam os

A civilisaçaõ solicita um paradeiro a exterminaçaõ d'aquelles que ainda existem, e condemna a continuaçaõ de uma taõ monstruosa instituiçaõ !

Os Calhambólas, ao menos, naõ sejam tratados como animaes bravíos, nas caçadas que delles fazem os brancos.

E o governo, trate seriosamente de occupar-se da sorte desses homens, e todos os Brazileiros unanimente votem a aboliçaõ duma instituiçaõ que os tor-

seos pequenos, a deixarem os filhos no *tejupabe*, metidos até ao meio do corpo em buracos para esse fim cavados na terra, e que um dia encontraram a um desses pequenos comido por uma onça ! !... *quide-inde ?*

na repugnantes aos olhos do mundo civilisado !

Naõ seria mais conveniente acabar-se com a escravatura pelos meios que temos indicado, do que pela força das circunstancias, como agora acontece nos Estados do Sul da Uniaõ-Americana?

Naõ! — é preciso que o Brazil passe tambem pelo estado em que actualmente se acha aquella republica, para entaõ nos convencermos da verdade !

Se uma forte barreira naõ for levantada a tempo de sustar a rotura dos nossos laços sociaes, o escravo assignará a sua carta de liberdade com o sangue dos seos oppressores, e o car-

comido edificio da nossa sociedade cahirá por falta dos alicerces que se acham minados pela desmoralisaçaõ e a descrensa de todos!

CAPITULO V.

A POLITICA INTERNA NO BRAZIL, E O GOVERNO CONSTITUTIONAL.

A quadra revolucionaria que a humanidade percorria, tendo começado com a invasaõ dos Arabes na Europa em 711, era um campo vasto á germinaçao das ideias implantadas pelas sciencias, que pouco a pouco minaram o edificio do theologismo, e em differentes phases do seo desenvolvimento,

abalavam as instituiçoẽs inuteis ou prejudiciaes á sociedade, creavam outras e preparavam o grande movimemto, que definitivamente deveria ligar os homens entre si.

E esse complemento difenitivo foi em 1789; — a regeneraçaõ havia chegado, e os homens começaram a cultivar com entusiasmo a semente que nessa epocha chegara a sua completa maturidade.

O caduco edificio dos velhos prejuisos, apresentado pela hypocrisia, adoptado pela ignorancia e sustentado pelo entusiasmo do espirito de patriotismo, rolava pelo plano inclinado do progresso do espirito humano, tangido pelo grito

possante de Holbach, de Condorcet, Danton, e tantos outros herois que indicaram a humanidade o caminho que deveria seguir.

Mas no meio da sua queda a maõ do primeiro consul o susteve, e esse bloco anti-social deixou uma soluçaõ de continuidade entre a obra da regeneraçaõ, e as velhas crensas que ainda respiravam, e as quaes assim mesmo foram vadeadas, pela voz muribumda dos herois garroteados por Bonaparte.

Essa ponte lançada entre a obra da regeneraçaõ e os rebentoès que ainda vegetavam á sombra do velho tronco, foi a defenitiva instalaçaõ do governo constitucional.

Essa forma de governo irrefletidamente adoptada, como meio seguro de estabelecer a igualdade entre os homens, foi o ultimo recurso no momento extremo, quando supposeram detida a marcha da evoluçaõ social, e como uma bomba de demoliçaõ lançada no campo inimigo !

O amor por principio, a ordem por base e o progresso por fim, naõ poderiam adoptar-se em nenhuma sociedade, com uma moral imposta pela authoridade aos governados, como é uma constituiçaõ; isto é, uma norma de conduta á *priori* provocada pela ignorancia duma parte da sociédade, e pela falta

dum regimen social seguido religiosamente pela outra.

E só como elemento de demoliçaõ póde ser adoptado o governo constitucional, fruto da quadra revolucionaria, e da ignorancia das leis do desinvolvimento da humanidade.

Esta pequena parada da *grande-obra* favoreceo a ociosa procura das causas primarias, e alongou a fraternisaçao dos homens entre si.

As crenças sociaes tendo sido derribadas, e naõ sendo substituidas por outras que harmonisacem com o estado da epocha, os sentimentos egoistas marcharam com o adormecimento da regeneraçaõ, e a anarchia percorreo

odas as classes da sociédade, que se deixaram illudir com o pomposo nome de Constituiçaõ.

Esta necessidade de momento naõ faz senaõ disfarçar o ataque da classe rica á classe proletaria, deixando o problema na sua inteira irresoluçaõ.

E'a constituiçaõ uma garantia fôfa dos direitos dos homens, e uma fraca voz de amortecida consciencia levantada no meio da anarchia social, como uma lacuna á sciencia do Dever.

Foi esta forma de governo que os Brazileiros escolheram para reger a naçaõ, quando em 1822 proclamaram a sua emancipaçaõ politica.

Anaçaõ que apenas entrava na sua

infancia social, tendo sido amamentada pela velha Mãi-Patria, quando esta decahia do seo poderio por falta de crensas, foi logo lançada numa verilidade precoce, agravando com isso o vicio que havia herdado do velho tronco, e que impossibilitou-a de percorrer as phases do desinvolvimento natural de todos os povos.

A maioria da naçaõ naõ estava ainda no estado de comprehender a forma de governo que tinha adoptado, et a passagem brusca da civilisaçao militar, unico governo que lhe convinha entaõ, para o excesso de liberdade que lhe concedêo um tal governo, fatigou os seos orgaõs num exercicio prematuro,

e educou no seio da naçaõ um germen de discordia, que talvez causará o seo desmembramento total, se naõ opposerem uma forte barreira a anarchia que separa os seos elementos.

Este erro de direcçaõ na educaçaõ-brazileira, foi commettido por aquelles que se collocaram á testa da sua administraçaõ, em consequencia das ideias que receberam da revoluçao de 89; e que ignorando as leis do desinvolvinmento da humanidade, fiseram-na adoptar uma forma de governo que só lhe convinha mais tarde, noutra quadra mais avançada.

Os seos predecessores fizeram uma abstraçaõ dos outros elementos do paiz,

na organisaçaõ das leis que sómente poderiam servir aos mais adiantados, e levados pelos antigos prejuisos de que ainda se achavam dominados, mas tendo diante de si o espantalho da *Constituiçaõ*, começaram sómente a respeiter a sua formula, e cahiram na contradiçaõ de *patronarem os seos interesses*, em opposiçaõ com as mesmas leis que tinham creado, sophysmando desse modo consigo mesmos.

Entaõ, as crensas perderam-se de todo; ninguem respeitou mais á essa norma de conducta chamada lei; a moral ficou quasi instintivamente no impulso dos bons sentimentos que caracterisam a superioridade do homem,

no mundo animado; os interesses pessoaes fallaram mais alto do que tudo; a imprensa, esse echo de civilisaçaõ e meio de comunicaçaõ intima entre os homens, prostituio-se, mudando a sua missaõ social em alvo de vinganças pessoaes, e cartaõ de riscunhos de meninos ignorantes et teimozos, e todos emudecidos ante este quadro de anarchia social, nenhuma palavra ousavam soltar pela ordem, marchando antes pela estrada, traçada por essas ideias anti-sociaes!

A sêde de posiçoẽs administrativas ficou sendo o objecto dos mais ardentes desejos de todos, como nma especie de nobreza, e nenhuma ideia util se apre-

zentava senaõ como meio de facilitar as pretençoẽs de cada um!

A naçaõ devidio-se em duas facçoẽs combatendo-se sempre pela imprensa, e algumas vezes pelas armas; o partido liberal augmentava a anarchia, e o conservador detia a naçaõ num mar de pretençoês egoistas, os membros de ambos os partidos permutavam-se secundo as conveniensias de cada um, e a dedicaçaõ social ou o sacrificio e desejo dum regimen novo e social, era considerado um sonho, uma chiméra, um phantasma creado pela imaginaçaõ inferma dos *sonhadores* de theorias!

Algumas ideias uteis que iam aparecendo eram filhas das circunstancias

necessarias, inevitaveis, immutaveis das leis que presidem os phenomenos sociaes, taes como a abolição do tráfego da escravatura, que a nação adoptou sem obstaculos, porque havia chegado á phase em que esse nefando commercio deveria cessar.

Os ministros subiam ao poder e logo após cahiam, por falta de apoio nas camaras; e o paiz assistia estas scenas de anarchia entre os seos representantes, com uma indiferença glacial, e um silencio estupido, filho do desanimo de uma de suas partes, do cansasso da outra, e do egoismo de ambas!

Que papel representamos perante o

mundo civilisado? — perguntavam entretanto alguns curiosos!

Naõ temos consciencia disso, e naõ nos importamos com o juizo dos outros! — respondiam os interessados.

Cynismo! — mas nós temos deveres sociaes á cumprir! — replicavam ainda.

Theorias!... quando chegarmos á sumidade faremos reflexoẽs á esse respeito; é por isso que nada dizem aquelles que la se acham ha muito....

E a naçaõ? — e a posteridade, o que dirá de nós?

Ainda naõ passamos *do eu pessoal* para a ideia mais abstrata de naçaõ;

por ora sómente cancebemos ideias concretas!

Mas os exigentes e os obreiros da sociedade continuavaõ na sua analyse social.

Os velhos dam assim um funesto exemplo á mocidade pelo egoismo que os domina, e pelos meios que empregam para chegarem aos seos fins, e pela nenhuma importancia que ligam ao qne dizem aquelles que tem a franqueza de bramarem os seos erros! — A mocidade atira-se ás columnas da imprensa como um meio seguro de se tornar conhecida, para melhor explorar depois o mesmo terreno por onde passaram os progenitores; e umas ve-

zes fallando sem consciencia e outras como mendiga aos pés do poder, anciosa espera o *bom-bocado* que lhe venha de cima!

Ninguem começa a acçaõ, nenhum sacrificio pela sociedade; marasmo geral!

E' natural!... quando apparecer a reacçaõ tudo mudará entaõ de fáce!

Emmudeciam!

Eis como procediam todos no tempo do governo constitucional no Brazil!

Sem um systema qualquer de direcçaõ, e a convicçaõ numa norma de conducta qui inspire um interesse geral, baseado na sciencia do Dever, nunca homem nenhum sairá do vulgar;

e sem a ligitima abnegaçaõ do *eu pessoal*, pela felicidade comum, ossilaremos sempre entre as pretençoẽs egoistas de interesse proprio, e os sentimentos altruistas pelo bem da sociédade!

Hoje um receio por cada um se apoderá de todos; os nossos laços sociaes estaõ minados pela anarchia; o desanimo cerca todas as capacidades, e estaticos no meio desta scena de cansaço e covardia, ninguem comprehende o passado, todos ignoram o presente, e uma só vista naõ se derige ao futuro!

Dentre dez milhoẽs de homens, não haverá um só que, ligando o passado ao presente, guie essa populaçaõ da terra de Santa-Cruz pela vereda do fu-

turo, constituindo-se assim o obreiro feliz dessa sociedade de homens?

S. M. o Imperador, mudo e quedo perante o quadro despartido da nossa sociedade, naõ dá um passo para a reforma, e mesmo parece desconhecer o mal que nos paliça, e o abysmo que se abre aos nossos pés!

Qual espectador estranho ás scenas do triste drama que entre nós se está ensaiando, assiste com indiferença à rotura dos sorvados laços dos elementos da naçaõ!

Lançai as vossas vistas SENHOR pelo paiz, e vêde que sois o unico Brazileiro que póde mais facilmente trabalhar pela felicidade da sua Patria, se o

marasmo da descrensa não vos enerva tambem!

Asociédade precisa dum chef e, seja V. M: o seo guia.

Os homens de genio nos ajudaraõ, esses obreiros da sociédade, e sereis abençoado pelos homens!

A immortalidade é a memoria da posteridade!

CAPITULO VI.

Agricultura.

Como naõ desejamos aventar theorias, e pelo contrario aceitar sómente aquellas que resultam da pratica posta em principio, como diz Broussais, fallaremos exclusivamente da provincia do Marenhaõ pelos conhecimentos que della temos, passando em silencio o que pertencer as demais, porque destas conhecemos sómente aquillo que

escreveram Mrs A. et G. de Saint Hilaire, Mr Baril conte de la Hure, Le Brésil par M. F. Denis (L'Univers Illustré) e outros escriptores; e tambem pelas informaçoẽs que temos colhido d'alguns compatriotas, áos quaes contudo aqui cordialmente agradecemos.

Esperamos a indulgencia de todos pela imperfeiçaõ deste artigo, visto os poucos documentos que presente temos, por estarmos longe da Patria, e porque naõ queremos fallar *d'orelha*, para não devagarmos em principios ociosos, inexatos e por conseguinte inademissiveis.

Contudo, se um desejo de melhorar de condicçaõ, nascesse nos nossos

comprovincianos, emprehendiriamos um mais longo trabalho; mas como sabemos que sómente o tempo modificará os seus habitos, iremos naõ obstante *balbuciando algumas palavras no deserto*, porque talvez encontremos alguem que nos ouça. — Naõ publicamos juntamente com este artigo um trabalho que encetamos sobre a molestia do algodaõ, e outras consideraçoẽs sobre a sua cultura, por faltarnos o tempo, e sernos ainda preciso outras observaçoẽs e muito estudo sobre a natureza do sólo, as estaçoẽs etc. etc., mas o promettemos quando voltar-mos ao nosso paiz.

Todavia no correr deste artigo, ire-

mos dando algumas observaçoẽs que colhemos no Maranhaõ, sobre as plantas mais geralmente cultivadas nessa parte do Brazil, e sempre animado do desejo de concorrer para o seo melhoramento agricola, e o de prestarmos algum serviço ao nosso paiz. — Tambem naõ seguimos nenhum methodo na sua exposiçaõ, devendo ser antes considerado como alguns apontamentos á agricultura.

Passaremos ao assumpto.

A provincia do Maranhao estando situada entre 1°, 16°, 29″ e 12° de latitude Sul, e 43° e 51° de longitude Oeste do meridiano de Paris, apresenta um clima quente e humido nas

proximidades do mar, mais temperado no centro e ardentissimo no sertaõ;— mas a brisa do mar refresca muito os calores nas proximidades das costas, e as noites sao frescas e serenas.

O solo é extremamente arenoso no litoral, e paludozo em muitas partes; pequenas elevaçoẽs no centro e algumas montanhas ao sul; cortado de rios e innumevaveis riachos, e por toda a parte observa-se uma vegetaçaõ luxuriante.

As estaçoẽs saõ irregulares sobretudo depois da devastaçaõ das matas, e as chuvas começam de ordinario nos fins de Dezembro, e duram até junho, sendo acompanhadas de descargas

electricas, e furacoẽs. — A temperatura é constante de inverno e veraõ, das nove da manhã ás tres da tarde, marcando o thermometro cent. 35°; e nós já observamos as seis da manhã + 10°, no mez de junho. Os dias saõ iguaes ás noites, e a viraçaõ da tarde, substituindo a calma do dia, vai derramando a frescura pelas campinas, que parecem sempre embaladas numa primavera eterna.

O litoral é mais proprio para a cultura da cana de assucar, arroz, milho e mandioca, e o interior presta-se melhor ao algodaõ, e com especialidade os termos do Codó e Mearim.

A agricultura que, inquestionavel-

mente é a sua maior fonte de riqueza, bem como á de todo o Brazil; acha-se no maior atrasò possivel; e o systema de trabalho geralmente empregado é o mesmo de que usaõ os indios selvagens.

A succinta exposiçaõ qui fizemos no 3º capitulo destes artigos, do serviço que fazem os escravos, é a desseccaçaõ completa do systema de lavoura empregado no Maranhaõ. — Os fasendeiros envelhecem na infancia da Agricultura, e ainda maís, acarretam os seos descendentes para os mesmos principios acendendo-lhes deste modo a anthepatia pelas ideias de reforma!

Aquelles poucos que imprehenderam o systema aratorio, vendo-se cer-

cados de difficuldades, abandonaram a empreza; e até hoje tudo se acha no mesmo estado como ha cem annos!

Evidentemente que naõ poderiam deixar de errar no desejo de transplantar a agricultura dos Estados-Unidos ou da Europa para o Maranhaõ, com a esperança que esse systema la se acclimatasse, como se fõra um carneiro ou outro animal qualquer!

A organisaçaõ do nosso terreno é outra, o clima inteiramente differente, mas os principios das sciencias sendo os mesmos em toda a parte, sómente se deveria ter em vista a theoria dos meios.

Observamos em muitas partes uma

camada de terra vegetal de tres pés, nas capoeiras ou matas proprias a agricultura; e depois de roçado e queimado, o terreno apresentava ainda dois pés de substancias vegetaes e animaes em decomposiçaõ, inteiramente deixados intactos pelo fogo, e cubertos pelas cinzas das arvores reduzidas pelo incendio.

Nos terrenos deixados incultos por muito tempo, acha-se formado um deposito, mais ou menos espesso segundo o terreno e o tempo, de distróços de vegetaes e animaes em decomposiçaõ, que pela sua pouca permeabilidade á agua e á luz, e excesso dumas substancias e faltas d'outras, taes como

o Chloro a Cal, etc., etc., retardam a germinaçaõ das sementes estranhas á elle; e sómente pela reduçaõ, desse excesso de estrume é que a vida vegetal ahi é completa, facilitada pela presença da cal, produzida pela combustaõ. — No acto da germinaçaõ as sementes experimentam uma verdadeira decarburaçaõ; e o acido carbonico que se produz entaõ, é o resultado da combinaçaõ entre o excesso de carbone e o oxygenio do ar; e a presença da cal facilita a germinaçaõ, absorvendo o acido carbonico que se vai produzindo neste acto, e accelerando assim a decarburaçaõ do graõ.

A queima das derribadas, além de ser absolutamente necessaria para limpar o terreno, é o unico meio, no estado nascente da nossa lavoura, de fornecer á cal necessaria á germinaçaõ das sementes, e de reduzir tambem o excesso de estrume, que neste caso é antes prejudicial à alimentaçaõ das plantas na sua primeira idade.

No olvido destes principios rudimentaes de Chymica agricola, e Botanica', esqueceram-se os nossos ensaiadores de que o arado naõ faz senaõ destruir o benificio promovido pela combustaõ, revolvendo a terra, e augmentando as proporçoẽs necessarias á alimentaçaõ das plantas, e que sómente

nos terrenos cansados, é que o arado é de extrema utilidade.

Faremos agora uma exposiçaõ d'aquillo que fazem, e do que póderiam fazer os lavradores de algodaõ.

No estado em que actualmente se acha a lavoura no Maranhaõ, um fazendeiro que possue cem escravos apenas faz 6,000,000 rs annualmente, isto é 6 % de rendimento, incluìndo todas as suas despezas.

Ora, o lavrador que possue cem escravos, póde contar com cessenta bons de todo o trabalho, os mais sendo creanças e velhos que quasi nada fazem, e este crescido numero de trabalhadores naõ pòde plantar bem, mais de

dez qnadras de terreno, formando ao todo um rectangulo de 500 braças de base com 200 braças de altura, e por conseguinte tendo uma superficie de 100,000 bs. q.; e como o algodaõ vive, de ordinario, tres annos, no terceiro teremos trinta quadras de roça ou uma superficie de 300,000 bs. q.

Este immenso terreno produz apenas de 100 à 150 arrobas d'algodaõ por quadra nos annos muito productivos; e sem duvida que esta diminuta colheita é divida, além d'outras circunstancias, a perda de terreno pela falta de symetria no methodo de plantaçaõ. As outras roças (capoeiras) produzem juntas tanto como á primeira sómente,

o que prefaz num anno 2,000^{ars}, termo medio, por toda a colheita, ou 600^{ars} d'algodaõ em rama, ou ainda 100 balas de 6^{ars} cada uma.

O algodaõ naõ é vendido por mais de 10,000^{rs}, (vendeo-se até a 5,000^{rs}, e sómente a guerra dos Estados-Unidos elevo-o a um preço fabulozo); o qual dá um producto de 6,000,000^{rs}, e com a commissaõ do correspondente, direitos, fretes, etc., quasi nada resta ao fasendeiro.

Veremos agora o resultado que obteremos, melhorando o methodo de plantaçaõ.

Sessenta bons trabalhadores pòdem plantar, como dissemos, 10 q. de roça

num anno, e no terceiro teremos 30 q. Cada quadrado destes tem uma superficie de 1,000,000 palmos q. que póde ser plantada em linhas ou carreiras, segundo um dos seos lados de 5, 6, 8, etc., palmos (tomamos 8 num sentido) e segundo o outro lado do angulo recto de 3, 4, etc., palmos (tomamos 3), e teremos assim 125 carreiras num sentido. e 334 no outro, dandonos ao todo 41, 750 pés de algodaõ.

Segundo as experiencias que temos feito em differentes algodoeiros, alguns pés nos deram 1/2 libra e outros 1/2 quarta; mas se tomarmos o termo medio de 1 quarta para a quantidade constante á cada pé, teremos 41, 750

quartas, ou 10,437^{lbs}, que fazem 326^{ars} por quadra, ou 3,260^{ars} nas 10 q. ou finalmente 163 balas de algodaõ.

A roça nova produz o melhor algodaõ, e dá como vimos, um producto de 163 balas; a primeira capoeira (capoeira nova) pode dar, por este systema de plantaçaõ, 2,000^{ars}, e a terceira roça (capoeira velha) póde ainda produzir no minimo 1,000^{ars} as quaes daõ o resultado seguinte :

Roça nova	3,260^{ars}
Capoeira nova . . .	2,000
Id. velha. . .	1,000
Total. .	6,260^{ars}

e estas 6,260 produzem 1,878^{ars} em

rama, ou 313 balas de 6ars; as quaes sendo vendidas á 10,000rs, daõ um producto de 18,780,000 ou 18 % do capital empregado nos cem escravos, isto é, o triplo do rendimento da rotina, sómente com o systema de plantaçaõ em symetria.

Com este methodo de plantaçaõ se pode supprir as falhas com nóvas plantas, e mais facilmente mondar as indigenas, e preservar-se que o terreno se fatigue pela sua agglomeraçaõ.

Aqui apresentamos algumas considerações scientificas sobre o algodaõ, planta esta geralmente cultivada no Maranhaõ.

O algodaõ (Familia Malvacea, Tribu

Hibicœ, *Gossypium Conglomeratum*, que é a especie mais geralmente cultivada n'aquella provincia) vem de preferencia nos terrenos humidos e premiaveis, onde a temperatura naõ è inferior a 16° cent., nos quaes predominam os mineraes de ferro; os silicio-zos produzen bem este vegetal, mas o fructo cáe antes da sua maturidade, em razaõ da secura do sólo; — os argilosos e alagados alimentam um lindo arbusto. mas quasi sem fructos, e saõ facilmente atacados pelo *Oïdium*, (molestia vulgarmente conhecida pelo nome dc *repolho* ou ferrugem do algodoeiro, do arroz, vinha etc.) (1); concorrendo

(1) Nota. No Codó cremos ter visto uma espe-

para isso ainda mais o methodo de plantaçaõ, contrario á todos os principios d'agricultura; no qual o algodaõ, o arroz, o milho etc., saõ juntamente plantados no mesmo terreno. Deste modo umas plantas absorvem a humidade mais doque outras, e a respiraçaõ é mal estabelecida, e o terreno fatiga-se em pouco tempo. — D'entre estas

cie *Phylleriada*, do genero *Acrosporium*, sobre o tronco e folhas do algodaõ. Por faltarnos na occasiaõ os meios necessarios para o estudo deste cogumelo, naõ o podemos verificar ao certo. Genero Acrosporium, familia Mucedinæ, tribu Phylleriæ. — Filamentos simples continuos, encerrando sporulas no seo interior; esta cryptogama se desînvolve sobre as folhas e tronco das arvores que começam á decompor-se sobre tudo por excesso de humidade.

plantas, as gramïneas saõ aquellas que tem um maior poder athermano, e por conseguinte as suas folhas condençam em prejuizo dos outros vegetaes, uma maior quantidade de vapor d'agua; acrescendo mais que, a espessa cobertura formada pelas folhas das differentes plantas, empedem os raios solares de tocar a terra, conservando-a excessivamente humedecida, em quanto que as folhas estaõ esgotadas de humidade pela evaporaçaõ produzida por um sol de 40° cent.

Observamos num campo plantado d'arroz, milho e algodaõ, á hora do meio dia, uma temperatura de 28° cent., debaixo d'ellas e onde apresenta-

vam maior espessura de folhas, e nas estremidades dos ramos supériores, exposto ao sol, o thermometro indicou-nos 40 º!

Esta differença de temperetura e humidade entre a haste e folhas do algodoeiro é uma das causas do desinvolvimento do Oïdium, ou talvez a mais poderoza, pois que nos logares onde estes arbustos saõ bastantemente espaçados, e a humidade somente á necessaria a sua vegetaçaõ, naõ vimos um só caso destes cogumelos; — tambem nas planices ou baixas elles o saõ mais do que nos altos, bem como maior numero de casos observa-se nas capoeiras, onde o algodoeiro é maior, do que

nas roças-novas, nas quaes este vegetal naõ tem ainda atengido o seo completo desinvolvimento: e conservando deste modo pela espessura dos seos ramos, a agua estagnada nas suas raizes, que promptamente as detiriora.

Tambem vimos os carrapateiros affectados do mesmo mal, porém exclusivamente n'aquelles plantados nos valles ou terreños palludozos. Naõ observamos nenhum caso de molestias cryptogamicas no arroz; — esta graminea em alguns annos é devastada pelo pulgaõ. (Um hemipterio). Os algodoeiros o saõ tambem pela lagarta (um lepidopterio) que em poucos dias devoram toda uma plantaçaõ; — e os lavrado-

res no desejo de distruirem o terrivel mal mandam aos escravos colhel-as uma per uma. — Mas naõ seria melhor destruir antes as chrysalidas destes insectos?

POPULAÇAÕ E PRODUCÇAÕ DA PROVINCIA.

Segundo o escriptor Constancio a populaçaõ do Maranhaõ em 1648 era de 400 colonos portuguezes e 80 soldados; em 1683 havia mais de mil habitantes só na cidade de S. Luiz; em 1839 montava á 152,893, dos quaes 55,618 livres e 97,275 escravos; e hoje monta á 360 mil, e dos quaes, talvez um terço somente seja de escravos.

A cessaçaõ do trafego da escravatura

veio dar um golpe fatal na sua agricultura, que decahio desde entaõ por falta de braços, e como os estabelecimentos coloneaes tem sido pouco importantes a sua producçaõ lemita-se à pouco mais de metade dos de ha trinta annos.

Extrahimos da obra de M. Baril o seguinte calculo sobre os productos da provincia, termo medio.

Café	780^{ars}.
Peixe seco.	10,800 »
Sabaõ de andiroba.	6,800 »
Sebo	2,800 »
Tabaco.	2,500 »
Carne seca.	18,900 »
Feijaõ	5,550 alg.
Carrapato	820 »

Gergelim	800 »
Milho	20,780 »
Tapioca	11,240 »
Sal.	14,000 »
Oleos d'andyroba.	300 gar.
» cupahyba	13,160 »
» gergelim	2,300 »
» ricino.	2,100 bar.
Mel	170 »
Bois	10,200 »
Couros grandes	31,270 »
» pequenos	5,500 »
Porcos	1,500 »
Vigas e taboados	2,200 duz.

Do jornal — O Paiz = publicado no Maranhaõ em 24 de setembro de 1864, extrahimos os dados seguintes sobre o movimento do algodaõ, de 1861 á 1864.

MOVIMENTO DO ALGODÃO

	1861		1862		1863		1864	
Mezes.	**Ent.**	**Exp.**	**Ent.**	**Exp.**	**Ent.**	**Exp.**	**Ent.**	**Exp.**
Janeiro. . .	4962	2806	4370	2912	5576	2448	7918	6567
Fevereiro .	3033	2112	1528	2054	3054	9029	5718	5226
Marco . . .	4700	5615	3595	2492	2543	5596	5388	8611
Abril. . . .	2430	2813	2116	8467	1576	5741	2436	5857
Maio	2695	4618	1895	5559	1706	2444	1589	5117
Junho . . .	1991	2855	1455	2654	470	2451	1911	1440
Julho. . . .	1481	3338	1971	255	1505	1547	957	457
Agosto. . .	2580	»	1625	2701	650	1956	687	1520
Setembro. .	2281	2614	1711	1522	859	150	»	»
Outubro . .	1951	5346	4866	1585	5512	1584	»	»
Novembro .	2557	2479	5741	5178	8276	4964	»	»
Dezembro .	5958	5606	7846	5260	9558	6890	»	»
Total. .	36577	34202	39156	38299	38725	40450	22604	30575

DESTINO DA EXPORTAÇÃO.

	1861	1862	1863	1864
Liverpool . .	22,582	25,022	38,685	22,618
Porto.	10,471	11,028	2,805	3,568
Barcelona . .	550	809	936	1,464
Lisboa	574	789	349	486
New-York . .	»	431	1,283	418
Havre	25	220	1,394	1,991
Total . . .	34,202	38,299	40,450	30,575

Vê-se nesta estatistica que a producçaõ deste genero naõ augmentou sencivelmente nestes quatro annos, naõ obstante o alto preço a que chegou; — facilmente se esplica a causa do desanimo na cultura deste ramo de industria, se nos lembrarmos de que há quatro annos os fasendeiros contentavam-se com o pouco que colhiam, e

hoje que esse pouco lhe dá o triplo, elles estam contentissimos !...

A cultura da cana de assucar, e á do café tem tomado um grande desinvolvimento nestes ultimos tempos; e a provincia conta muitos e bellos engenhos á vapor. A producçaõ do assucar tem montado nestes ultimos tempos à 81,834 arrobas, naõ comprehendendo o consumido no paiz; a cachaça eleva-se á uma média de 1,500 pipas; a farinha de mandioca tem consideravelmente augmentado, e hoje a exportaçaõ deste genero tem subido á 14,000 alqueires. A razaõ deste grande desinvolvimento é a deminuiçaõ da cultura do arroz, e milho, e pelo pouco trabalho que dá a

sua cultura ; este genero de alimentos é a base da alimentaçaõ n'algnmas partes de provincia.

A recolta do arroz tem diminuido consideravelmente, e de 66,889 sacas pesando 347,262 arrobas exportadas em 1821, hoje apenas eleva-se à 14,396 sacs pesando 93,772^{ars}. A razaõ de taõ consideravel baixa, consiste sobre tudo na difficuldade dos transportes e a alta do preço do algodaõ que, naõ augmentando a producçaõ deste genero, tem obrigado os fasendeiros à negligenciarem a sua coltura porque agora já tem dinheiro par a compral-o ao estrangeiro, ou substituil-o pela farinha de mandioca.

Acultura do arroz é menos penosa no Maranhaõ doque em nenhuma outra parte do velho e novo continente. Nas provincias meridionaes da Hespanha, por exemplo, esta graminea necessita de grande humidade, e mesmo ser plantada em terrenos paludozos' e no Maranhaõ n'aquelles apenas humedecidos pelas chuvas, sem outra especie de irrigaçaõ, a planta vem bem, e eleva-se duas vezes mais alta do que na Europa, e produzindo o triplo ou mais talvez. —Ja vimos no Codò em 1856, um alqueire de bòa plantaçaõ produzir 600!

Estradas e navegaçaõ. As principaes estradas da provincia saõ, — o Cami-

nho-Grande; estrada de Caxias á Theresina; do Campo do Carmo ao Campo das Pombinhas; de Caxias á Barra do Corda; do Gurupy ao Redondo; de Cantanhede á Anajatuba, e a estrada de Cantanhede as Pedreiras.

Estas estradas consistem numa abertura praticada no meio das matas, pela qual apenas pode passar um cavalleiro, e sem outro beneficio que, uma ou outra vez, cortar-se aquelles ramos que de todo interceptam o transito; — e em rasaõ das chuvas torrenciaes d'aquella provincia, no inverno tornam-se de todo intransitaveis.

Algumas pontes que existem nos seos innumeraveis riachos, saõ mal cons-

struidas, e pela maior parte á custa dos particulares; e na estaçaõ das chuvas a passagem dos rios é feita em pequenas embarcaçoẽs, ou balsas.

Em razaõ da grande distancia em que se acham os fasendeiros das margens dos rios, e da má construcçaõ das estradas, os seos productos saõ exportados em pesados carros de eixo fixo, tirados por bois. Este genero de transporte é muito primitivo : e é ainda um legado da Mai-Patria que os conserva hoje mesmo na sua capital!

A navegaçaõ á longo curso é feita pela maior parte em navios estrangeiros, e a costeira e fluvial emprega algumas barcas, sumaças, e um grande

numero de pequenas embarcaçoẽs. Os rios Itapucurú, Mearim e Pindaré saõ navegados á vapor, et a companhia de navegaçaõ fluvial, tem prosperado muito, segundo nos consta.

As fasendas em geral saõ mal edificadas, apresentando antes o aspecto dum arraial ou simples tendas do que um estabelecimento de lavoura; estas consistem numa casa de taipa cuberta de palha ou telha, na qual reside o fasendeiro com sua familia, e em um certo numero de pequenas chouças ou senzalas onde habitam os escravos, edificadas em simicirculo, pouco mais ou menos, cujo centro é occupado pela casa do proprietario.

A fasenda melhor montada que vimos no Codó foi á do Snrē Antonio Joaquim Lopes da Silva. — Lamentamos sinceramente que este senhor tivesse abandonado o seo estabelecimento, segundo nos consta; mas o Senhor Lopes vio-se cercado de mil contrariedades, sem duvida augmentadas pelo seo espirito emprehendedor, e o seo zelo pelos interesses agricolas da sua provincia, isto é, o nenhum acolhimento da parte dos inimigos das reformas; porque como já o fizemos ver num artigo escripto no Diario do Rio, em 1862 ou 63, este Snr foi incansavel nos seos trabalhos, como pessoalmente o observamos na sua

fasenda, e em pouco tempo havia quasi montado o seo estabelecimento; mas o espirito rotineiro dos seos comprovincianos, e a nenhuma sympathia que entre elles encontrou, foram sem duvida as mais poderosas causas que o obrigaram a abandonar taõ grandiosa empreza!

Colonisaçaõ.

Uma naçaõ composta de differentes raças de homens, naõ pode permanecer unida, hoje com as ideias dominantes, sem que á mais numerosa dessas raças domine, e ao mesmo tempo soffrée o jugo que deve caïr sobre as outras; sem o que a anarchia será a consequencia do desejo de direcçaõ de

todas, e a reaçaõ da mais fraca será o germen de discordia plantado no seio duma tal naçaõ, que a irá minando, e derigindo todas as concorrentes numa só resultante, que será o desmembramento da sociedade, e a fraca importancia de cada uma destas partes em particular.

E segundo a triste condiçaõ do homem, fatalmente creada pela cega natureza, elle sómente pode modificar essa direcçaõ natural, servindo-se das mesmas leis naturaes, em seo benificio; e por conseguinte, no desejo de manter a ordem e a fraternisaçaõ entre todos os homens, é levado a fundir todas as castas num só elemento, que

possa seguramente marchar no progresso, limpo das manchas das outras raças humanas (creadas pelos prejuizos sociaes), que fermentam a discordia, e estabelecem uma soluçaõ de continuidade entre todos os homens.

E a cessaçaõ do trafego da escravatura, que parece á primeira vista um golpe fatal dado a agricultura no Brazil, naõ foi senaõ em vantagem da raça branca, que sendo a mais intelligente, necessariamente viria a triumphar da raça negra, ou pelo dominio exclusivo da primeira, ou pela fusaõ completa da segunda, como vai acontecendo.

Em Saõ- Domingos deo-se o contrario, isto é, o dominio da raça negra, e

a fusaõ talvez da raça branca, enfraquecida pelo numero naõ obstante a sua superioridade de intelligencia.

Mas o Brazil, que tambem foi povoado por differentes povos, naõ deve temer a reacçaõ material da escravatura, por se achar esta muito dessiminada mas deve considerar a influencia moral que ella oppoem á todos os outros dos seos elementos e por isso trabalhar na sua definitiva assimilaçaõ, fazendo por esse meio desaparecer essa especie de lepra social; infelizmente légada á nossa sociedade pela irreflexaõ dos nossos progenitores.

A escravatura, como ja observou um

habil escriptor, (1), num certo tempo parece servir a remediar as necessidades dum paiz, mas em muitos seculos é um pesado embaraço á industria, e um barranco elevado ao verdadeiro progresso intellectual. — A agricultura, especialmente, naõ póde dar um passo, quando o seo principal orgaõ, o trabalhador, é subjeito á servidaõ; — porque naõ havendo interesse da parte destes, nos melhoramentos materiaes do jugo que sobre elles pesa, e nem outra ambiçaõ de lucro da parte dos proprietarios senaõ os esforços sobrehumanos dos seos servidores, esta-

(1) *Nota*. Docteur Joaõ Francisco Lisbõa, hoje falecido.

belece-se um equilibrio entre a inanimidade destes e o nenhum systema scientifico dos outros, cujo resultado demonstravel é a apparente satisfaçaõ das necessidades de todos, e o visivel repouso da industria agricola.

E ha dois seculos, pouco mais ou ménos, que a agricultura naõ tem dado um passo no Maranhaõ! — O moto continuo de fazer uma roça nova cada anno, e o levantamento dos fasendas quando já naõ ha terras nas suas proximidades, é o jogo de todas as geraçoẽs de agricultores, que se vaõ substituindo na bôa terra de S. Luiz!

Mas a necessidade de melhorar o systhema de lavoura já se vai sentindo, e

os primeiros passos para a colonisaçaõ foram dados pelo presidente Eduardo Olympio Machado.

E sem duvida que o meio de povoar o paiz com uma raça intelligente, civilisada e industriosa mais do que todas, é a colonisaçaõ européa, — Mas convem que os emigrantes satisfaçam as condicçoẽs de moralidade, sem o que naõ devemos acceitar entre nós o povo indolente da Europa, que antes serviria de plantar os seos vicios entre nós, do que prestarnos serviços como cidadaõs; pois que naõ queremos sómente aperfeiçoar a industria deixando os sentimentos sociaes inteiramente incultos.

Ao governo compete promover a emigraçaõ européa mas convindo antes disso créar algumas leis que sendo fielmente respeitadas, o paiz venha a lucrar com os seos fithos adoptivos, e estes naõ sejam lezados pelos colonisadores.

Como M. Baril se occupou deste assumpto e o discutio como habil escriptor que é, passaremos a saber o que se tem feito no Maranhaõ, e o que convem fazer ainda, estendendo-nos um pouco sobre a colonia de Petropolis, no Codó porque a conhecemos desde a sua fundaçaõ.

As colonias creadas no Maranhaõ depois de 1853 saõ as seguintes.

Arapapahy. — Esta colonia foi créada com o duplo fim de obter trabalhadores livres para o canal Arapapahy, e o de crear nesse ponto um núcleo, de populaçaõ européa; mas pelo motivo do interrompimento das obras do canal, e sem duvida pela má direcçaõ da colonia, os trabalhadores depois de terem reembolçado o governo provincial do avanço das suas passagens, despersaram-se, ficando a colonia simplesmente em projecto.

As colonias de Santa-Theresa, fundada no municipio de Cururupú, com cento e quarenta portuguezes dos Açores; a colonia Maracassumé estabelecida por conta da companhia Minera-

çaõ-Maranhense, com quarenta Chims, e a colonia Piracaúa, por conta da companhia portugueza a *Prosperidade*, com cento e doze colonos portuguezes, depois de varios ensaios infructiferos foram abandonados e os colonos dispersaram-se pela provincia, ou passaram as outras do imperio.

A colonia de Santa Isabel, estabelecida nas margens de rio Urú, a duas ou tres leguas de Guimaraens, tem prosperado muito, e offerece hoje uma eschola de agricultura para a provincia, e um centro de populaçaõ européa que servirá de ponto de observaçaõ para os futuros estabelecimentos que se devem fundar na provincia.

As colonias de S. Pedro, Januaria e Leopoldina, formadas de indigenas civilisados, a primeira estabelecida sobre a margem direita do rio Pindaré, a segunda sobre a esquerda do dito rio, e a terceira sobre a esquerda do rio Mearim, naõ apresentam hoje nenhuma importancia pela má direcçaõ dessas colonias. Os missionarios, ou outros quaesquer que lhes servem de directores, nada podem fazer na sua educaçaõ, porque alguns dentre elles pouco mais adiantados em civilisaçaõ e conhceimentos estaõ destes, e essa massa de populaçaõ vai marchando sómente com a lentidaõ do progresso social, d'aquelles povos, inteira-

mente separados do movimento geral!

Se o paiz necessita e deseja a assimilacçaõ desses homens entre os seos cidadaõs, porque naõ lhes fornece directores estrangeiros ou nacionaes que sejam homens intelligentes, instruidos e moralisados, os unicos capazes de dar a direcçaõ a esse povo créança? sem duvida que o governo obraria mais acertado, tirando-os das maõs dos missionarios, que em logar de seguirem o desenvolvimento natural do homen, trabalham antes em arrancar essas suppostas victimas das penas eternas do caminho da perdiçaõ, ensinando-lhes os preceitos da Santa-Religiaõ-

Catholica, que na quadra actual naõ podem comprehender !

Meter uma imagem do Christo nas maõs d'um menino, e ter a pretençaõ de esplicar-lhe os mysterios da encarançaõ, *é* augmentar-lhe a sua collecçaõ de cavallinhos de chumbo e outros brinquedos com mais essa imagem !

A colonia militar do Gurupy naõ tem nenhuma importancia, nem só pelo defeito de direcçaõ como tambem pelo mao local em que se acha situada: e suppomos haver um projecto de transferencia para um local mais conveniente onde ella se possa desenvolver.

A colonia de Petropolis foi estabelecida no municipio do Codó a duas le-

guas da villa do mesmo nome, pelo sñr Francisco Marques Rodrigues.

Esta colonia fundada em 1855 lutou a principio com a terrivel ipedimia que grassou n'esse anno na provincia, e de cento e sessenta e oito colonos que ahi se estabeleceram, restam algumas familias, que se acham ainda hoje perfeitamente aclimatadas.

O Sñr Marques, soffreo a principio as perciguiçoẽs do presidente Cruz-Machado que lhe rescindio o contracto com o governo, mas o genio activo deste Sñr, e o seo incansavel desejo de fundar um estabelecimento vantajozo á sua provincia, fizeram-no triumphar e conseguir o seo plano, e hoje o seo

estabelecimento offerece um belissimo futuro, e podemos mesmo afirmar que é o melhor nucleo de populaçaõ européa da provincia, e o local de maiores vantagens para os emigrantes.

A villa do Codó tem lucrado consideravelmente com esta colonia, que lhe fornece os generos de consumo á tornal-a á mais abundante da provincia ; e os colonos estam contentissimos e desejosos de continuarem no cultivo das suas terras.

Uma das causas do abandono das colonias qui se tem estabelecido na provincia, é o systema parciario ; pelo grande lucro qué tiram os proprietarios e o forçado trabalho a que se en-

tregam os colonos, no desejo de reunirem algum peculeo, mas o Sñr Marques apenas leva o dizimo dos colonos, e naõ se tem arrependido.

Ao governo compete animar os estabelecimentos coloniaes, e facilitar a emigraçaõ estrangeira. Ora sendo a colonia Petropolis o estabelecimento que melhores vantagens offeréce ao colono portuguez, porque o governo naõ concede num previlegio por um certo numero de annos, ao Sñr Marques, para este empresario introduzir um numero indeterminado de colonos, ficando os productos da colonia num tempo dado exemptos de direitos? — Seria vantajozo ao paiz á creaçaõ d'um nu-

cleo de populaçaõ européa no Codó; pois que para o futuro os rendimentos dessa colonia seriam immensos.

Poderia ainda o governo introduzir um numero qualquer de colonos, para o estabelecimento do Sñr Francisco Marques, e somente exigir o importe das suas passagens no fim do terceiro ou quinto anno, ficando depois ao empresario o contracto somente com os colonos, como acontece hoje com aquelles que la se acham independentes do governo, e o paiz lucraria com essa populaçaõ agricultora.

Neste ultimo caso os colonos obrigar-se-hiam a reembolçar o governo provincial do adiantamento das suas

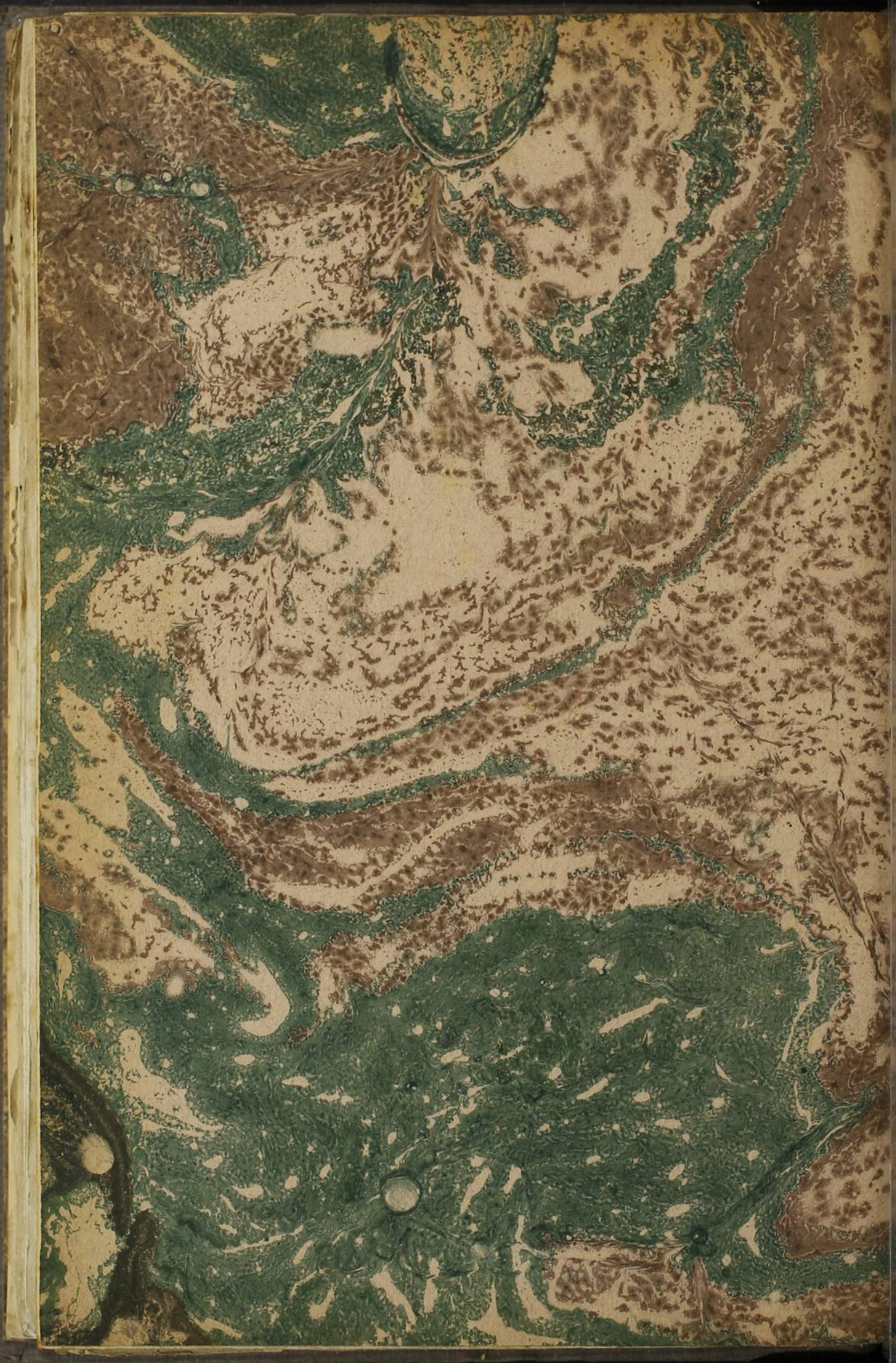
passagens, ficando depois contratados particularmente com o empresario por um numero illimitado de annos; e repetimos, seria este o meio mais facil de colonisar o paiz, e de aperfeiçoar e animar a sua agricultura, hoje entregue quasi exclusivamente aos escravos.

Alem d'outras muitas vantagens dos estabelecimentos coloniaes, acresce mais o de ser um incentivo á classe dos homens livres que vivem da caça e da pesca, ensinando-lhes o amor pelo trabalho, vivendo da agricultura.

Quando o Sñr Marques fundou a sua colonia em 1855, todo a territorio comprehendido entre os rios Codó e

Itapucurú, na zona demarcada pela villa deste nome, estava quasi inculto, ou apenas habitado por alguns homens livres, que ahi colhiam apenas do que viver; e hoje esse territorio está todo povoado, por muitos desses mesmos homens animados pelo exemplo dos colonos.

Esse magnifico estabelecimento naõ póde ter o desinvolvimento que poderia e deveria ter, em razaõ do governo proteger no nosso paiz somente as influencias eleitoraes, deixando em monstruozo abandono a tudo o mais que naõ jogar com as taes *listas ou Chapas de eleições!* Mas appelamos para o futuro, quando a pidemia eleitoral tiver

passado, e os cidadãos curados da mo-
nomania das actas, listas, urnas e tan-
tas outras morbus-eleitoraes, chronicas
e heredictarias que não lhes deixam
ver os seos proprios interesses!

010765